



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

ALESSANDRO ROTUNNO

**COMPROMETIMENTO OU EMPREENDEDORISMO: A
FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE GEOGRAFIA**

Londrina
2010

ALESSANDRO ROTUNNO

**COMPROMETIMENTO OU EMPREENDEDORISMO: A
FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE GEOGRAFIA**

Dissertação apresentada ao Curso de pós-graduação em Geografia, Dinâmica Espaço Ambiental, como requisito parcial à obtenção do título de mestre.

Orientadora: Profa. Dra. Rosana F. Salvi.

Londrina
2010

ALESSANDRO ROTUNNO

**COMPROMETIMENTO OU EMPREENDEDORISMO: A FORMAÇÃO
DO PROFESSOR DE GEOGRAFIA**

Dissertação apresentada ao Curso de pós-graduação em Geografia, Dinâmica Espaço Ambiental, como requisito à obtenção do título de mestre.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Rosana F. Salvi
UEL – Londrina – PR

Profa. Dra. Eloiza Cristiane Torres
UEL – Londrina – PR

Profa. Dra. Maria das Graças de Lima
UEM – Maringá – PR

Londrina, 17 de agosto de 2010

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela força e vontade de vencer que me deu, sem mesmo que eu pedisse ou merecesse.

Agradeço aos professores que me aturaram desde o início até os dias de hoje, representados aqui pela minha orientadora, pessoa a qual aprendi a admirar durante minha graduação.

E, por fim, não poderia deixar de agradecer minha esposa, mulher fantástica que sempre foi minha grande incentivadora, principalmente nos momentos mais difíceis de minha (nossas) vida (s). Uma verdadeira ferramenta de Deus aqui na Terra.

DEDICATÓRIA

À minha esposa Valéria, grande apoiadora dos nossos objetivos, e nossa querida e amada filha, Mariana.

*O fracasso é a oportunidade de
começar de novo inteligentemente.*

Henry Ford

ROTUNNO, Alessandro. **Comprometimento ou Empreendedorismo: a formação do Professor de Geografia**. 2010. 94 f. Dissertação (Mestrado em Geografia, Dinâmica Espaço Ambiental) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2010.

RESUMO

O conceito de Empreendedorismo é cercado por mitos e, por diversas oportunidades, aplicado de forma simplesmente vazia, apenas provida por uma aura de *marketing* a fim de se destacar em relação a outros concorrentes, mesmo que oferecendo algo semelhante a ele. Muito se fala de conduta empreendedora, porém esta por vezes se faz de forma incorreta e intuitiva, trazendo-lhe um resultado superficial na maioria dos momentos em que é aplicada. Profissionais de diversas áreas procuram aplicar a visão empreendedora em seus ramos, principalmente aqueles voltados aos produtos de consumo direto, confundindo-se com meras ações de publicidade. Já a conduta do professor que deseja aplicar os benefícios trazidos por uma conduta empreendedora, deve abrir mão de buscas teóricas sobre o tema, bem como aplicá-las nos momentos corretos, nas formas corretas, a fim de que, mesmo sendo questionado por outros descrentes ou desconhecedores destas, logre êxito e colha seus louros ao final de cada missão. Este trabalho está voltado ao professor, destacando aqui o professor de Geografia, porém, sem discriminação a quaisquer outras disciplinas, proporcionando-lhe uma visão de Empreendedorismo em termos de Brasil e mundo através da análise do Relatório GEM 2009, leituras como Dolabela (1999; 2004; 2006), Dornelas (2001; 2009) e Filion (1999), além de lhe proporcionar uma visão de como se encontra o educando e seu mundo vivido nas diversas faixas etárias incidentes no percurso do Ensino Fundamental, a partir de leituras sobre o tema, aqui destacando Longhi (2005; 2006), Piaget (1974), Freire (2004), Libâneo (1994), Falcão (1986) e Araújo (2006), entre outros. O encerramento do trabalho contempla a possibilidade em se ofertar uma disciplina especial de Empreendedorismo, esta sim, voltada apenas ao estudante da Geografia.

Palavras-chave: Empreendedorismo no ensino. Empreendedorismo na Geografia. Professor empreendedor.

ROTUNNO, Alessandro. **Compromise or Entrepreneurship: The training of Geography Teacher.** 2010. 94 f. Dissertation (Mestrado em Geografia, Dinâmica Espaço Ambiental) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2010.

ABSTRACT

The concept of entrepreneurship is surrounded by myths, and in many cases, it is applied in an empty way, provided by a halo of marketing in order to stand out in relation to the other competitors, even when it offers something similar to them. A lot is said about the enterprising behavior, however, sometimes it happens incorrectly and intuitively, bringing a superficial result most of the time when it is applied. People from different professional areas try to apply the enterprising vision in their fields, especially the ones whose products have to do with direct consumption, being confused with publicity. On the other hand, the behavior of the teacher who wishes to apply the benefits brought by an enterprising behavior, must forgo the theory quest about the theme, as well as apply them in the right moments and ways, so that even when he/she is questioned by those who do not believe them or know them, can be successful and obtain the triumph at the end of each mission. This work is directed to the teacher, especially the Geography one, however, it does not discriminate any other subject. It provides an entrepreneurship vision that is related to Brazil and to the rest of the world through the analysis of the GEM 2009 Report, the readings of the following authors like Dolabela (1999;2004;2006), Dornelas (2001; 2009) and Fillon (1999). It also provides a vision of the student's situation in relation to the experience he/she has during his/her life in middle school, based on the readings about the theme emphasized here, Longhi (2005; 2006), Piaget (1974), Freire (2004), Libâneo (1994), Falcão (1986) and Araújo (2006), among others. The closing of the work suggests the possibility of offering a special entrepreneurship discipline, directed to the Geography student.

Keywords: Entrepreneurship in teaching. Entrepreneurship in Geography. Enterprising teacher.

LISTA DE GRÁFICOS

- Gráfico 1** - Evolução da taxa de empreendedores iniciais (tea) brasileira em comparação com a média dos países participantes do gem de 2001 A 2008.....30
- Gráfico 2** - Proporção dos empreendimentos iniciais e estabelecidos que lançam produtos novos para todos os consumidores, por países– 200833
- Gráfico 3** - Evolução comparativa da taxa de empreendedores iniciais por faixa etária de 18 a 24 anos e 55 a 64 anos de 2001 A 2008.....36

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Países com maiores e menores taxas de empreendedorismo no mundo.....	28
Quadro 2 - Estimativa da população empreendedora.....	28
Quadro 3 - Países do g-20 participantes da pesquisa gem	29
Quadro 4 - Taxa de empreendedores por oportunidade.....	31
Quadro 5 - Taxa de empreendedores por necessidade	32
Quadro 6 Empreendedores brasileiros segundo características de inovação dos empreendimentos.....	35

SUMÁRIO

PRÓLOGO	12
OBJETIVOS	17
METODOLOGIA DA PESQUISA	18
CAPÍTULO I – CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS DA PESQUISA	20
1 CONSIDERAÇÕES SOBRE EMPREENDEDORISMO.	21
1.1 Empreendedorismo no ensino	24
1.2 O perfil do Empreendedor Brasileiro.....	25
1.3 Empreendedorismo por Oportunidade e por Necessidade.....	30
2 CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS SOBRE A FORMAÇÃO DOCENTE	37
CAPÍTULO II – EMPREENDEDORISMO NO ENSINO DE BASE	40
1 ABORDANDO A APRENDIZAGEM	41
2 AS FASES NA FORMAÇÃO DO INDIVÍDUO.....	45
3 O COMPROMETIMENTO COM O PROCESSO DE APRENDIZAGEM.	47
4 A CONDUTA EMPREENDEDORA NO ENSINO DE BASE.	51
5 A DISCIPLINA DE EMPREENDEDORISMO NO ENSINO DE BASE	54
6 O ENSINO EMPREENDEDOR NA GEOGRAFIA	57
7 OS TRABALHOS DE CAMPO COM ABORDAGEM EMPREENDEDORA.....	59
7.1 Iniciando a Abordagem do Conceito Paisagem.....	61
7.2 Os Trabalhos de Campo como Complemento a Sala de Aula	62
7.3 Trabalhos Interdisciplinares – Testes e Resultados	63
CAPÍTULO III – EMPREENDEDORISMO NO ENSINO SUPERIOR	66
1 A DISCIPLINA 4CIV110.	67
1.1 A Importância da Disciplina 4civ110 e sua Influência para com este Trabalho	69
1.2 O Material Mais Importante da Disciplina: o Humano.	70
2 PROPOSTA DE UMA DISCIPLINA DE EMPREENDEDORISMO PARA CURSOS DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL EM GEOGRAFIA.....	70

2.1 Objetivo da Disciplina.....	74
2.2 Detalhamento dos Encontros Propostos.....	74
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	77
REFERÊNCIAS.....	81
ANEXOS.....	86
ANEXO A.....	87
ANEXO B.....	90
ANEXO C.....	91
ANEXO D.....	92

PRÓLOGO

MINHA APRESENTAÇÃO

Once upon a time...

O mundo realmente gira. Esta constatação nem sempre parece tão clara aos nossos olhos, porém, quando menos esperamos, ela se faz perceber em nossas vidas.

Há vários (pensando bem nem tantos assim) anos, quando prestei o vestibular para Engenharia Mecânica na (hoje) UNESP de Bauru, nem imaginaria estar construindo uma dissertação de Mestrado na Universidade Estadual de Londrina, UEL, em Geografia, enfocando a questão do empreendedorismo nas salas de aulas dos ensinamentos Fundamental II e Médio, onde se foca a importância do Professor em trabalhar o educando para que este venha a ter a sua “veia empreendedora” estimulada pelos mestres, enquanto que, nas salas do Ensino Superior, a função do mestre apresenta mudanças significativas em seu foco principal, seus objetivos.

Em verdade, foi meu gosto por carros e mecânica que me levou a cidade do interior paulista, tentar o Curso de Engenharia; ao deparar-me com a realidade deste, ou seja, carga teórica muito pesada, composta principalmente por elementos da matemática (um dos meus “calcanhares de Aquiles”), fez com que minha passagem por aquela agradável cidade fosse meteórica, porém de grande aprendizado para minha vida pessoal.

Retornando à Londrina, tive algumas outras experiências profissionais, mas ainda distante do meu gosto pela mecânica. Eis que, no início dos anos 90, surge uma oportunidade como vendedor de um renomado auto-centro. Tendo em vista que, até então, esta seria minha grande chance, a minha grande realização, de estar próximo aos motores, suspensões, freios e pneus, entre outros. Sem vacilar, aceitei de pronto a referida proposta.

Demandou pouco tempo para que me destacasse dentre os demais colegas, tendo em vista que estava ali por gosto e opção. Aprendi muito nesta empresa. Foi aí que fui à cidade vizinha de Londrina, Ibiporã, onde, após um ano de casa aproximadamente, assumi a chefia do departamento de peças e serviços, o que nós comumente chamamos de “oficina”.

Coordenando a equipe de mecânicos, bem como a equipe de vendas de varejo, fiz juntamente com a equipe, durante os quase cinco anos e meio estabelecidos naquela cidade, grande nome e referência no setor automotivo.

Após meu desligamento desta empresa, entrei para uma revenda autorizada da Goodyear, empresa de renome mundial em pneus. Tratava-se de uma filial em Londrina de uma grande rede da cidade de Presidente Prudente, interior de São Paulo.

Após pouco mais de um ano assumi a chefia da oficina, onde, novamente fazíamos um trabalho de referência, onde ressaltava o alto índice de entusiasmo e comprometimento da maioria do time.

Após dois anos de casa, percebi que lá nós produzíamos resíduos de óleo, borracha e ferro, em uma escala até considerável, tendo em vista o volume de carros atendidos. Somente em amortecedores, chegávamos a trocar mais de duzentas peças por mês; pneus, mais um tanto, bem como troca de peças de suspensão, freios e fluidos.

Por se tratar de uma grande rede varejista, logo veio em minha mente o desejo de produzir um trabalho que envolvesse todas as lojas no reaproveitamento ou reciclagem do resíduo produzido, e, pensando em termos de rede (talvez aí tenha descoberto minha veia empreendedora), almejava em atingir com meu trabalho as quase cinquenta lojas, o que me levaria a uma promoção e, em consequência, a um salário melhor.

Para tanto, devia ter um curso superior que me desse estrutura, respaldo suficiente para tal desafio onde, aconselhado pela minha esposa, que trabalha nesta universidade (UEL), descobri a Geografia.

Trabalhar o dia inteiro, estudar as noites, fazer relatórios madrugadas adentro, foram tarefas árduas; mas este foi o preço por não ter estudado o curso certo na hora certa.

No quarto ano do curso, o último para quem buscava apenas a Licenciatura, temos a disciplina de estágio onde, monitorados pelo seu responsável, lecionávamos em Colégios Estaduais da cidade.

Durante este estágio descobri minha maior paixão (profissional, claro): a docência.

Não há como entrar em uma sala de aula e sair indiferente aos olhares ansiosos dos educandos; não há como entrar em uma sala de aula e deixar

de aprender com os jovens lá trabalhados; não há como ser indiferente ao depararmos com uma sala de aula. Não dá para entrar numa sala de aula e sair o mesmo ser de minutos atrás.

Nesta altura dos acontecimentos, meu projeto de vida, voltar a estudar para desenvolver algo maior onde estava, foi radicalmente alterado. Senti que estava defronte a um momento chave em minha vida, onde novamente deveria tomar uma importante decisão.

Acabei, aos trinta e oito anos, tornando-me Professor de Geografia.

Porém, a vida nos traz grandes surpresas e, de repente, influenciado (quase empurrado) por uma Professora a qual ainda guardo grande admiração ingressei no Mestrado onde, nossa ideia principal, seria trabalhar algo dentro da Geografia Urbana.

Novamente o destino nos prega uma peça. Já dentro do Mestrado, minha orientadora mudou. Juntamente com esta mudança, surgiu também a mudança do trabalho original, uma vez que a atual orientadora me dissera que devia fazer o Mestrado naquilo em que nos destacamos, pois este seria meu “cartão de visitas” nas novas portas a se abrirem futuramente.

Bem... então vamos nós... de novo! Por este foco, minha alegria e satisfação em lecionar não poderiam estar excluídas de meus planos e deste trabalho. A dificuldade estava exatamente no ponto em que iríamos tocar. Diversas ideias nos vieram a mente, por vezes mais confundindo que direcionando... mas as ideias vinham.

O tema Empreendedorismo acabou surgindo dentro do que eu vivo nas escolas em que leciono; vejo que muito se fala do assunto, mas ainda muito regado pelo que o senso comum nos orienta. Não que isto seja de todo mal, porém, caso fique apenas nisto, não passará de um discurso vazio e marqueteiro. Prova real disto é que, enquanto pesquisava para o trabalho, recebi o direito de uma bolsa de estudos, porém deveria largar meus trabalhos. Recusei-a, e ainda mais, iniciei na Universidade Estadual de Londrina (UEL), como Professor colaborador, além de acumular função como tutor eletrônico da UNOPAR VIRTUAL, maior instituição de Ensino a Distância do Brasil, com mais de 150.000 alunos matriculados nos cursos ofertados apenas no sistema EAD.

Portanto, o tema é importante em se estudar para proporcionar um melhor ganho nas relações entre Professores/educandos, em seus diversos níveis, e

a pesquisa vem exatamente em encontro a demonstrar a necessidade em se relacionar com o seu público alvo com a visão empreendedora.

INTRODUÇÃO DO TRABALHO

Esta pesquisa se volta para o Professor, em especial o de Geografia, passando a importância em assumir uma postura empreendedora nos diversos níveis de educação, a fim de proporcionar em seus educandos um perfil igualmente empreendedor, ajudando-os em suas tomadas de decisões, tornando-os agentes ativos dentro da sociedade onde estão inseridos. No decorrer da elaboração deste trabalho a sua organização foi dividida em duas formas distintas, uma voltada aos Ensinos Fundamental II e Médio (denominados a partir de agora neste trabalho, ensino de base) outra voltada ao Ensino Superior. Esta necessidade em trabalhar separadamente os níveis de base do superior surgiu em seu início, tão logo observada a diferença de captação das ideias por parte dos educandos, bem como as próprias necessidades diferenciadas deles, pois, durante a juventude, não são todos que têm seus objetivos traçados, enquanto que, no nível superior, espera-se que os acadêmicos os tenham melhor traçados e delimitados.

No momento do trabalho referente ao ensino de base, a preocupação foi de demonstrar que educador das diversas disciplinas, inclusive as de Geografia e Empreendedorismo (esta segunda sendo ofertada nestes níveis em algumas instituições de ensino), ao apresentar junto a seus educandos que para ser empreendedor, não significa apenas abrir uma empresa, ou se preparar para o mercado de trabalho; ser empreendedor significa estar atento ao momento vivido, aos fenômenos à sua volta, observar as oportunidades que surgem de maneira diferenciada dos outros e ser diferente das massas em quaisquer áreas que venha a atuar futuramente.

Após análise dos ambientes de trabalho nos quais muito se fala sobre esta visão empreendedora e pouco se vê em termos de ações práticas previamente planejadas, sentiu-se a necessidade de pesquisar sobre atitudes empreendedoras no cotidiano, principalmente na vida do Professor, com maior profundidade, procurando proporcionar ao educador uma visão holística de todo o processo de formação do indivíduo, a fim de direcionar mais coerentemente suas ações evitando, desta feita, desperdício de energia, aumentando o interesse das

aulas por parte de quem as assiste, obtendo resultados mais positivos em relação às aulas aplicadas.

Durante as leituras dos materiais coletados – Relatório GEM (2009), publicado pelo SEBRAE, e livros como “O Segredo de Luisa” de Dolabela (2006), por exemplo – pode-se observar que a preocupação em se formar um jovem com pensamento empreendedor é condição fundamental para prepará-lo ao mundo extra-escolar, onde, sabe-se, a competição é muito acirrada em seus diversos níveis, desde a busca pelo primeiro trabalho formal, como a sua manutenção e ascensão pessoal e profissional.

É necessário observar que a capacitação do educando, responsabilidade também do Professor, para a vida, vai muito além de um emprego formal; segue-se aqui a intenção de que este possa ser um empresário, um político, uma liderança escolar, local, regional ou nacional, um padre ou pastor, e que possa ser um agente inovador dentro da área que escolheu para sua vida profissional.

Ao Professor, a busca de metodologias diferenciadas das tradicionais deve ser efetuada com pesquisas, criando o hábito de preparar uma alternativa extra, um “plano b” em suas mãos, a ser aplicado no caso da observância da baixa interação com os educandos.

O Professor buscando ser empreendedor junto aos seus educandos, por consequência, será também empreendedor junto aos seus colegas. Esta liderança deve ser utilizada de forma positiva, buscando o envolvimento (comprometimento) da maioria dos colegas em trabalhos interdisciplinares, sem deixar-se abater por aqueles demais profissionais da área que não apóiam por não gozarem do mesmo ponto de vista.

Pensando e visando desta forma, o trabalho foi organizado da seguinte forma:

O primeiro capítulo trata do Empreendedorismo e a formação dos Professores de forma ampla.

No segundo capítulo, é contemplada a conduta empreendedora dos Professores no que chamamos aqui ensino de base.

Por fim, o terceiro capítulo, focando a questão do Empreendedorismo no Ensino Superior, busca a justificativa para o ensino de Empreendedorismo neste nível, na proposta de uma disciplina específica a ser ofertada no Curso de Licenciatura e Bacharelado em Geografia.

OBJETIVOS

GERAL:

Estabelecer uma proposta para a formação do Professor da Geografia que envolva a metodologia de Empreendedorismo, seja no nível do Ensino de Base, seja no nível do bacharelado.

ESPECÍFICOS:

Propor formas de ação para o Professor de Geografia trabalhar métodos de maneira empreendedora junto a seus educandos, em diversos níveis acadêmicos, de forma a potencializar os resultados alcançados durante este processo, envolvendo-os melhor no processo.

Propor uma disciplina para o curso de graduação em Geografia que compreende o Empreendedorismo a fim de ser ministrada na licenciatura e bacharelado, com fins à formação do novo profissional em relação ao seu período pós academia.

METODOLOGIA DA PESQUISA

No intuito de se buscar um arcabouço teórico maior ao trabalho, foram realizadas primeiramente revisões literárias na área de pedagogia, psicologia, geografia e empreendedorismo. Ainda houve a participação nos eventos organizados pelo Sindicato das Escolas Particulares de Londrina (SINEPE) e pelo Sindicato dos Professores das Escolas Particulares de Londrina e Norte do Paraná (SINPRO) de 2007 a 2010 – estas, por coincidência focando tanto empreendedorismo como educação, quando não, ambas simultaneamente. Minicurso de Empreendedorismo, ministrado no Colégio Londrinense e a frequência como aluno convidado da disciplina de Empreendedorismo ofertada ao Departamento de Construção Civil, no curso de Engenharia Civil, da Universidade Estadual de Londrina (UEL), no segundo semestre de 2009, também foram fundamentais na construção do trabalho, buscando elos de ligação pertinente aos temas Empreendedorismo e educação de Geografia.

As participações nas Semanas de Geografia dos últimos anos foram fundamentais a fim de não se perder o foco da disciplina de Geografia, e, ao mesmo tempo, estar-se atualizando em relação aos atuais temas, além de contatos com outros colegas, trocando, desta feita, experiências positivas.

Após a etapa descrita acima sobre o levantamento teórico da pesquisa, dividiu-se o estudo em duas etapas, sendo que na primeira procurou-se elucidar conceitos sobre Empreendedorismo e vinculá-los à educação básica, especificamente às séries 5^a a 8^a (6^o e 9^o anos, respectivamente) do Ensino Fundamental II e nos dois primeiros anos referentes ao Ensino Médio. Isto está vinculado à formação pessoal do indivíduo, onde o mesmo disponibilizará desta ferramenta “empreendedora” no auxílio das realizações de seus sonhos. Já no caso do terceiro ano do Ensino Médio, o foco do educando deve estar no processo seletivo que o auxiliará no rompimento da fronteira com o Ensino Superior seja este vestibular, ENEM, ou outros específicos, de acordo com a universidade pretendida.

Na sequência, buscou-se elaborar uma proposta de formação do profissional de Geografia que contemplasse a visão empreendedora. Para isso lançou-se mão da sugerir a disciplina de Empreendedorismo em cursos de formação profissional superior. Desta maneira, o profissional em Geografia, seja ele licenciado

ou bacharelado, estará munido de ferramentas para, ao defrontar-se com seu mercado de trabalho, estará apto a transpor as dificuldades com maior facilidade em relação aos formandos de instituições que ainda não se utilizam desta ferramenta, tendo as possibilidades de êxito logo de início majoradas.

CAPÍTULO I

CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS DA PESQUISA

Neste capítulo serão discutidas concepções sobre empreendedorismo, e a ideia do Professor reflexivo e pesquisador, na área de formação docente.

Sem ignorar as fases anteriores da formação do indivíduo, este capítulo demonstra a importância em trabalhar o jovem para o hoje, derrubando, deste feita, o mito de que se deve educar (apenas) para o futuro.

Aqui também é trabalhado o conceito de aprendizagem, trazendo, em breves linhas, conhecimento sobre o tema, a fim de que as ideias abordadas se tornem mais claras, como hereditariedade e formação do indivíduo, por exemplo, utilizando-se para tal de Piaget (1974), Falcão (1986), Longhi (2006), La Taille (1999), entre outros.

Não se busca neste trabalho defender ou questionar concepções pertinentes aos ensinamentos construtivista, tecnicista, ou outra escola qualquer, porém, busca-se a “ativar” a atitude empreendedora do Professor, independente de qual seja sua linha teórica adotada para lecionar.

Importante ressaltar ao Professor, principalmente o Professor de Geografia, o fato de o Empreendedorismo ser trabalhado junto ao educando, também através de aulas de campo, além de exercícios contemplando conteúdos aprendidos anteriormente, de forma a contextualizar a matéria ao cotidiano, trazendo maior interesse por parte do jovem em relação à nossa disciplina.

1 CONSIDERAÇÕES SOBRE EMPREENDEDORISMO

Abrindo as discussões sobre a visão empreendedora por parte do Professor (de Geografia), seguem-se algumas discussões sobre este conceito, incluindo sua provável epistemologia.

O espírito empreendedor, mesmo se tratando de um antigo conceito, tem sido tema de diversas obras no campo científico, principalmente na última

década do século XX e na década inicial deste (HISRICH, 2009; CHÉR, 2008; DOLABELA, 2004, 2006, dentre outros).

Para trabalhar de forma fiducial a questão do ser empreendedor no ensino de Geografia, é importante trabalhar conceitos e parte da história referente ao tema Empreendedorismo.

Muito se fala em relação ao ser empreendedor. Nas empresas, principalmente ao se referir a colegas de trabalho adjetivando-os com tal termo, sente-se que estes estão sendo privilegiados em relação aos demais, motivado por suas condutas diferenciadas.

Dolabela (2006) traz que:

Acredita-se que hoje o empreendedor seja o “motor da economia”, um agente de mudanças. Muito se tem escrito a respeito, e os autores oferecem variadas definições para o termo. O economista austríaco Schumpeter (1934) associa o empreendedor ao desenvolvimento econômico, à inovação e ao aproveitamento de oportunidades em negócios. [...] Filion (1991), [...] ‘Um empreendedor é uma pessoa que imagina, desenvolve e realiza visões’.

[...]

O empreendedor é um ser social, produto do meio em que vive (época e lugar). Se uma pessoa vive em um ambiente em que ser empreendedor é visto como algo positivo, então terá a motivação para criar o seu próprio negócio.

[...]

A tese de que o empreendedor é fruto de herança genética não encontra mais seguidores nos meios científicos. Assim é possível que as pessoas aprendam a ser empreendedoras, mas dentro de um sistema de aprendizagem especial, bastante diferente do ensino tradicional. (DOLABELA, 2006, p. 28).

A citação traz diversos olhares a respeito do conceito Empreendedorismo. Autores que percorrem os ramos das ciências econômicas e humanas, trazendo em suas narrativas, a questão de que as pessoas podem aprender a ser empreendedoras, ou seja, o “ser empreendedor” não é uma carga genética, mas, sim, fruto dos esforços em se atingir os objetivos.

Em Tardin (2009), sobre a epistemologia do conceito Empreendedorismo, se lê:

A palavra *entrepreneur* surgiu na língua francesa relacionada aos líderes militares. Jean Baptiste Say (1803) foi um dos primeiros economistas modernos a chamar a atenção para o empreendedor ao afirmar que um país que possui muitos comerciantes, fabricantes e

agricultores inteligentes teriam maior potencial de atingir prosperidade. (TARDIN, 2009).

Portanto, o conceito aqui trabalhado faz menções às pessoas que têm como características condições de atingirem maiores resultados em menos tempo, em relação às demais que ocupam o mesmo meio.

Ser empreendedor é ser inovador dentro de sua área, sabendo, inclusive, correr os riscos que achar pertinentes para se atingir a determinado objetivo. A capacidade organizacional também se faz como condição quase que fundamental para a pessoa buscar seu desenvolvimento profissional e pessoal.

Em Hisrich (2009, p. 29), traz que em quase todas as definições de Empreendedorismo, as tomadas de iniciativas, organizações e reorganizações para se tirar melhor proveito das situações, bem como aceitar riscos ou fracassos, são presentes, e frutos das visões mais recentes sobre o referido conceito.

Ser empreendedor não é algo novo; relatos de empreendedores na história podem ser explicitados, tais como o navegador Marco Pólo que, segundo Hisrich (2009), “foi o precursor do capitalista de risco”, pois assinava contratos com pessoas de posse, para vender suas mercadorias.

Mas, como o trabalho permeia a questão do educador empreendedor, deve-se tomar a precaução em se trabalhar questões relativas ao tema também.

Ser empreendedor, como visto até o momento, compreende, dentre outras atitudes, o de ter forte desejo de realização pessoal e profissional.

Um breve exemplo sobre ser empreendedor, vê-se no Evangelho de Mateus, onde se tem a história a seguir:

O SERVO FIEL

Jesus continuou:

O Reino do Céu será como um homem que ia fazer uma viagem. Ele chamou seus empregados e os pôs para tomarem conta da sua propriedade. E lhes deu dinheiro de acordo com a capacidade de cada um: ao primeiro deu quinhentas moedas de ouro; ao segundo deu duzentas; ao terceiro deu cem. Então foi viajar. O empregado que tinha recebido quinhentas moedas saiu logo, fez negócios com o dinheiro e conseguiu outras quinhentas. Do mesmo modo o que havia recebido duzentas moedas conseguiu outras duzentas. Mas quem tinha recebido cem saiu, fez um buraco na terra e escondeu o dinheiro do patrão.

Depois de muito tempo o patrão voltou e fez um acerto de contas com eles. O empregado que havia recebido quinhentas moedas

chegou e entregou mais quinhentas, dizendo: "O senhor me deu quinhentas moedas. Veja! Aqui estão mais quinhentas que consegui ganhar".

"Muito bem, empregado bom e fiel", disse o patrão. "Você foi fiel negociando com pouco dinheiro, e por isso vou pôr você para negociar com muito. Venha festejar comigo!"

Então o empregado que havia recebido duzentas moedas chegou e disse: "O senhor me deu duzentas moedas. Veja! Aqui estão mais duzentas que consegui ganhar."

"Muito bem, empregado bom e fiel", disse o patrão. "Você foi fiel negociando com pouco dinheiro, e por isso vou pôr você para negociar com muito. Venha festejar comigo!"

Aí o empregado que havia recebido cem moedas chegou e disse: "Eu sei que o senhor é um homem duro, que colhe onde não plantou e junta onde não semeou. Fiquei com medo e por isso escondi seu dinheiro na terra. Veja! Aqui está seu dinheiro!"

"Empregado mau e preguiçoso!", disse o patrão. "Você sabia que colho onde não planto e junto onde não semei. Por isso você deveria ter depositado meu dinheiro no banco e, quando voltasse, o receberia com juros."

Depois se virou para os outros empregados e disse: "Tirem dele o dinheiro e dêem ao que tem mil moedas. Porque aquele que tem muito receberá mais e assim terá mais ainda; [...] (BÍBLIA SAGRADA SBB, p. 993)

Fazendo uso da passagem acima, ao trocarmos o termo "moedas" por "conhecimentos", podemos creditar ao Professor grande responsabilidade em repassar seus conhecimentos, cada vez mais embasado em novas técnicas, estas que lhe tragam melhores resultados. Portanto, em técnicas empreendedoras.

1.1 Empreendedorismo no Ensino

Neste capítulo serão expostas maneiras de se verificar o empreendedorismo na educação, trabalhando seus conceitos e aplicabilidades cotidianas, bem como o perfil do empreendedor brasileiro na atualidade.

O conceito de empreendedorismo (DOLABELA, 2006; TARDIN, 2009; HISRICH, 2009; CHÉR, 2008, entre outros), foi analisado e transcrito de forma a permitir o Professor tomar posse dele, majorando, desta feita, seus resultados junto aos educandos.

Segundo Chér (2008),

O Brasil lidera a lista dos países mais atraentes para investimentos na área da educação, na frente de países como Alemanha, França e Japão. Universidades particulares no Brasil recebem investimentos estrangeiros, como a Anhembi-Morumbi, e crescem a passos largos. (CHÉR, 2008, p. 105).

Cabe aqui ao Professor empreendedor, no caso específico, o Professor de Geografia, abrir mão desta visão empreendedora para que possa, juntamente com estas instituições trazidas na citação anterior, crescer também. Com isto, melhorando suas estratégias de aula, trazendo o educando mais próximo de si, fazendo ser mais visto e cobiçado (porque não) pelo mercado, ele, o Professor empreendedor, terá lugar garantido nestas instituições e, futuramente, podendo até ir à procura de ele mesmo montar seu estabelecimento de ensino, buscando parcerias de sucesso também.

Através de leituras de materiais voltados à formação de Professores (CHARLOT, 2005; FALCÃO, 1986, PIAGET, 1974; EMPREENDEDORISMO, 2008, entre outros), na busca em descobrir qual a melhor faixa etária a ser trabalhada no ensino de base, fora observado o nono ano como o ponto de melhor introdução do conceito Empreendedorismo, porém, é interessante o Professor ter a conduta empreendedora em todos os níveis em que atue, nada o impedindo para tal.

1.2 O Perfil do Empreendedor Brasileiro

Assim como há a preocupação neste trabalho em se justificar a conduta empreendedora do Professor em sua disciplina no ensino de base, buscando dentro da evolução do educando a explicação para tal, há também aqui a preocupação em se justificar a conduta empreendedora do Professor dentro do Ensino Superior, bem como a disciplina Empreendedorismo.

Para tal tarefa, neste primeiro momento, estar-se-á utilizando como parâmetro referencial o projeto *Global Entrepreneurship Monitor* (GEM) (Anexo 1), onde se lê:

[...] no Brasil completou em 2008 nove anos de edição ininterrupta, constituindo-se em um valioso acervo de informações que revelam

detalhes sobre o comportamento do empreendedor brasileiro. Com dados estatísticos comparados com mais de 60 países participantes do projeto, a pesquisa contempla informações que avaliam o processo de abertura de um empreendimento e suas características, gerando índices que revelam tendências econômicas e sociais [...]. (GEM, 2008, p. 15).

E, ainda sobre a relevância deste material, não se pode ignorar o fato do ano de 2008 ter sido marcado pelo início de uma grande crise mundial, que acabou por afetar diretamente o mundo capitalista, porém com cada país absorvendo e reagindo a estes impactos de forma diferenciada, conforme suas forças econômicas e políticas eram capazes de absorvê-las. E, dentre as rupturas de paradigmas encontradas neste processo, sem dúvida o abandono de uma lógica de obtenção de lucros apenas monetários, bem como as necessidades de atividades realmente produtivas assim se fazem presentes.

Mesmo dentro do que se concebe pelo senso comum sobre a postura de um empreendedor, o conhecimento de sua área é condição fundamental para lograr-se êxito em seu empreendimento, independente do tamanho do investimento, ou seja, esta realidade se aplica aos grandes e aos pequenos empreendedores.

Segundo Paulo Okamoto (GEM, 2008), Diretor-Presidente do SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas) fora observada uma melhoria significativa na relação empreendedorismo por oportunidade e empreendedorismo por necessidade (conceitos a serem discutidos no item 1.3 deste trabalho), hoje se encontrando na relação de dois para um, a favor dos empreendedores por oportunidade. Isto é altamente positivo e fruto de incentivos na área, tendo em vista que esta relação chegou ao ponto de ser inversa. Estes dois conceitos serão mais bem explicitados ao longo deste.

Segue abaixo outra informação relevante sobre esta pesquisa, justificando a importância deste estudo aqui proposto, colocada por Okamoto (2008):

Outro destaque da pesquisa GEM 2008 é o aumento da atividade empreendedora entre os mais novos. Pela primeira vez, jovens de 18 a 24 anos tiveram a mais alta taxa de empreendedorismo entre as faixas etárias analisadas. (GEM, 2008, p. 19).

Importante a observância da faixa etária contemplada no fragmento acima, pois esta se inclui no período acadêmico de boa parte das pessoas que a compõe.

A partir dos resultados obtidos no relatório GEM 2008, serão lançados comentários procurando fazer com que se reflita sobre a necessidade da visão empreendedora do Professor na academia, seja ela em que disciplina for. É óbvio que, em se tratar da disciplina Empreendedorismo, este foco será em maior profundidade, mas sem a isenção da responsabilidade de demais colegas em outras disciplinas.

Ocupando a 13ª posição diante dos países participante, o Brasil possui doze empreendedores a cada 100 habitantes. A Bolívia, primeira colocada na pesquisa, possui um empreendedor a cada três habitantes. (Utiliza-se a sigla TEA – Taxa de Empreendedores em Estado Inicial). Os últimos lugares foram ocupados por países desenvolvidos, ficando em último lugar a Bélgica, seguida por Rússia e Alemanha. (ver **Quadro 1**), demonstrando que até certo ponto a falta de trabalho formal faz com que o indivíduo se lance como empreendedor de algum negócio próprio.

Outro referencial que se pode adotar para saber a relação do Brasil diante de outros países é a de número de empreendedores. Enfocando o número de pessoas empreendedoras, o Brasil aparece em terceiro lugar, atrás apenas de Índia e Estados Unidos da América do Norte, países sabidamente populosos.

PAÍSES	TEA 2008 (%)	POSIÇÃO (43 países)	ESTIMATIVA DE EMPREENDEDORES
Maiores Taxas			
Bolívia	29,82	1	1.192.000
Peru	25,57	2	4.358.000
Colômbia	24,52	3	6.571.000
Angola	22,71	4	1.342.000
República Dominicana	20,35	5	1.012.000
Média do Grupo	24,59		2.895.000
Menores Taxas			
Dinamarca	4,04	39	138.000
Romênia	3,98	40	583.000
Alemanha	3,77	41	1.950.000
Rússia	3,49	42	3.298.000
Bélgica	2,85	43	167.000
Média do Grupo	3,63		1.227.200

Quadro 1 – Países com maiores e menores taxas de empreendedorismo no mundo
Fonte: GEM (2008, p. 25).

PAÍSES	TEA 2008 (%)	POSIÇÃO (43 países)	ESTIMATIVA DE EMPREENDEDORES
Maiores Estimativas			
Índia	11,5	15	76.045.000
Estados Unidos	10,8	16	20.546.000
Brasil	12,0	13	14.644.000
México	13,1	11	8.412.000
Colômbia	24,5	3	6.571.000
Total do Grupo	14,4		126.218.000
Menores Estimativas			
Irlanda	7,6	24	166.000
Dinamarca	4,0	39	138.000
Letônia	6,5	30	96.000
Eslovênia	6,4	32	86.000
Islândia	10,1	17	18.000
Total do Grupo	6,9		504.000

Quadro 2 – Estimativa Da População Empreendedora
Fonte: GEM (2008, p.25).

Em relação aos países do grupo econômico G-20, encontramos os resultados abaixo explicitados no **Quadro 3**:

PAÍSES	TEA 2008 (%)	POSIÇÃO (43 países)	ESTIMATIVA DE EMPREENDEDORES
Argentina	16,54	7	4.006.000
México	13,09	11	8.412.000
Brasil	12,02	13	14.644.000
Índia	11,49	15	76.045.000
Estados Unidos	10,76	16	20.546.000
Coréia	9,99	18	3.286.000
Grécia	9,86	19	673.000
África do sul	7,76	23	2.006.000
Turquia	5,96	33	2.705.000
Reino Unido	5,91	34	2.274.000
França	5,64	35	2.221.000
Japão	5,42	36	4.267.000
Itália	4,62	38	1.703.000
Alemanha	3,77	41	1.950.000
Rússia	3,49	42	3.298.000
Países G-20	8,42	...	148.036.000
Países GEM	10,48	...	186.202.000

Quadro 3 – Países do G-20 Participantes da Pesquisa GEM

Fonte: GEM (2008, p. 26).

Lembrando que o G-20 é formado pela União Europeia, além dos países Austrália, Canadá, China, Indonésia e Arábia Saudita que, juntamente com a União Europeia “que tecnicamente não é um país, mas tem assento no G20” (GEM 2008, p.27), não participaram da pesquisa.

Este estudo também nos traz o Brasil como um país a apresentar a TEA (Taxa de Empreendedores em Estado Inicial) mais alta que a média da pesquisa, fato este ocorrendo desde 2001, como nos ilustra o gráfico 1:

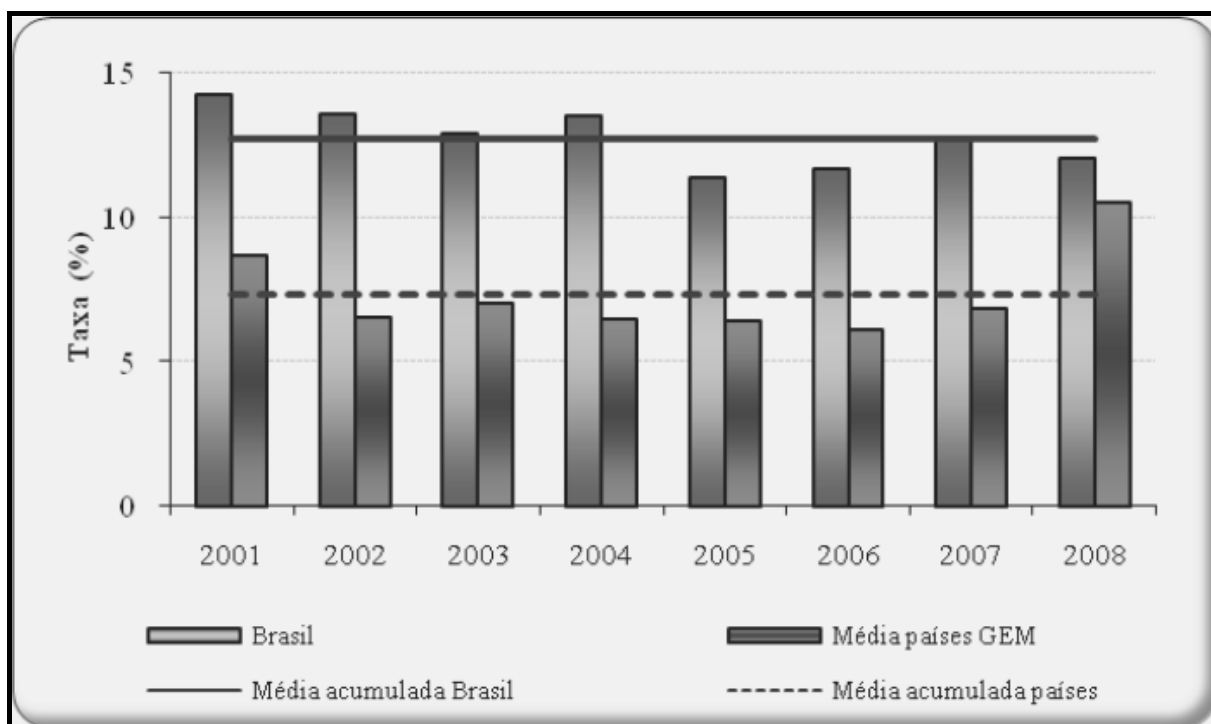


Gráfico 1 – Evolução da Taxa de Empreendedores Iniciais (Tea) Brasileira Em Comparação Com A Média Dos Países Participantes DO GEM DE 2001 A 2008

Fonte: Pesquisa GEM (2001-2008, p. 28)

Apesar do Brasil apresentar desde o primeiro relatório GEM feito em 2001 taxas da TEA maiores que as médias obtidas do restante dos países, em 2008 observa-se uma menor variação entre estes resultados.

1.3 Empreendedorismo por Oportunidade e por Necessidade

Anteriormente foram mencionados aqui dois termos que dão origem a este tópico, que são empreendedorismo por oportunidade ou empreendedorismo por necessidade.

Antes de aprofundar-se nestes conceitos, é necessário estar-se atento em relação ao perfil do empreendedor brasileiro, além de nosso setor produtivo.

Para ser competitivo, é fundamental uma boa leitura do mercado em que se atua, seja qual ele for. No caso do empresário do ramo de telecomunicações,

de transportes, geógrafos, entre outros, além, e principalmente por se tratar de que trabalha com a formação intelectual de pessoas, os Professores.

Conhecer bem o que se vai fazer como atividade empreendedora é condição básica para a obtenção de bons resultados, dentro de uma expectativa real de retornos financeiro, profissional e, principalmente, pessoal.

Segundo a GEM, pode-se entender por empreendedor por oportunidade como o lado positivo do empreendedorismo. A página 30 nos traz que:

A taxa de empreendedorismo por oportunidade reflete o “lado positivo” da atividade empreendedora nos países. [...] Essa porção de empreendedores é aquela que iniciou sua atividade para melhorar sua condição de vida ao observar uma oportunidade para empreender. (GEM, 2008, p. 30).

No empreendedorismo por oportunidade o Brasil não figura entre os cinco primeiros ou entre os cinco últimos, como nos mostra o **Quadro 4**, abaixo:

PAÍSES	Taxa por Oportunidade (%)	POSIÇÃO (43 países)	ESTIMATIVA DE EMPREENDEDORES
Maiores Taxas			
Bolívia	20,95	1	837.000
Peru	17,01	2	2.899.000
República Dominicana	14,04	3	698.000
Colômbia	13,89	4	3.723.000
Equador	12,12	5	957.000
Menores Taxas			
Alemanha	2,69	39	1.391.000
Dinamarca	2,63	40	90.000
Rússia	2,51	41	2.372.000
Bélgica	2,37	42	139.000
Romênia	2,12	43	311.000

Quadro 4 – Taxa De Empreendedores Por Oportunidade

Fonte: GEM (2008, p. 30).

O empreendedorismo por necessidade é o oposto da realidade anteriormente exposta, ou seja, trata-se do empreendedor que abre um novo negócio, mas, devido entre outros motivos às altas taxas de desemprego que se

encontram em suas localidades, o que acaba por dificultar seu retorno ao mercado de trabalho na forma de empregado (formal ou informal) – não se trata aqui de uma regra simples, mas de uma tendência a ser contemplada. Neste caso, a sobrevivência destas empresas (entenda-se aqui também os profissionais) é de tempo reduzido, apresentando altas taxas de mortalidade, variando de região para região.

Os resultados neste quesito estão apresentados no Quadro 5:

PAÍSES	Taxa por Necessidade (%)	POSIÇÃO (43 países)	ESTIMATIVA DE EMPREENDEDORES
Maiores Taxas			
Colômbia	10,15	1	2.720.000
Bolívia	8,59	2	343.000
Peru	8,02	3	1.367.000
Angola	7,99	4	472.000
Jamaica	7,28	5	97.000
Menores Taxas			
França	0,57	39	224.000
Islândia	0,54	40	1.000
Holanda	0,46	41	49.000
Bélgica	0,26	42	15.000
Dinamarca	0,21	43	7.000

Quadro 5 – Taxa De Empreendedores Por Necessidade

Fonte: GEM (2008, p. 31).

Como o Brasil não figura nos dois **Quadros** acima, cabe aqui descrever como nos encontramos neste momento:

O Brasil atinge a razão de dois empreendedores por oportunidade para cada empreendedor por necessidade, fato a ser comemorado como o primeiro degrau de uma longa escada de desenvolvimento. (GEM, 2008, p. 31)

Apesar da citação acima trazer a proporção entre os dois tipos de empreendedores a ser comemorada como “um primeiro degrau na longa escada de desenvolvimento”, o perfil do empreendedor brasileiro também não colabora muito para a obtenção de números interessantes em relação ao empreendedorismo por oportunidade

A explicação para tal fato pode estar na baixa taxa de lançamentos de novos produtos, tanto nos estabelecimentos tradicionais, quanto nos mais recentes. O gráfico abaixo traz a relação desta proporção do Brasil em relação a outros países participantes do GEM 2008:

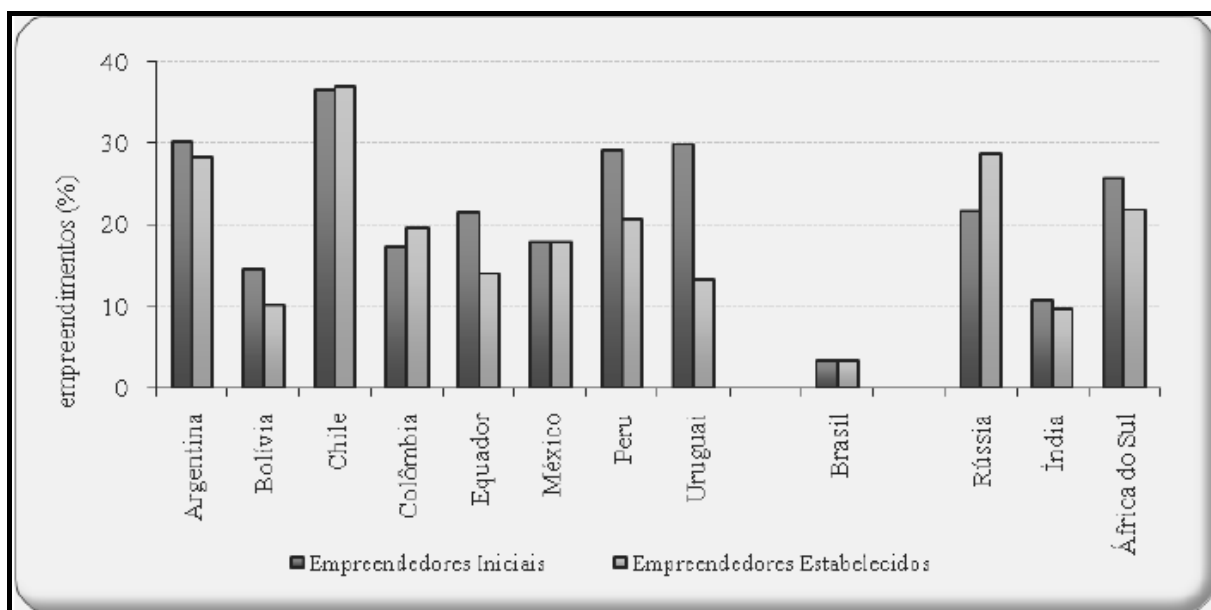


Gráfico 2 – Proporção dos empreendimentos iniciais e estabelecidos que lançam produtos novos para todos os consumidores, por países – 2008

Fonte: GEM (2008, p. 83).

Tanto por parte dos empreendedores, quanto por parte dos consumidores, o conhecimento de novas tecnologias é muito baixo quando se fala em respeito ao Brasil, e isto é realmente preocupante quando se depara hoje com o mundo apresentando uma economia altamente globalizada, ou seja, a economia brasileira não está fechada, blindada, ao resto do mundo, como outrora. A proteção do setor produtivo brasileiro durante décadas, fez com que fosse criada uma cultura pouco inovadora no empreendedor. (GEM, 2008, p. 67).

Uma das explicações para o fato da pobreza de espírito inovador nos empreendedores e consumidores brasileiros pode estar exatamente no (ainda) elevado número de empreendedores por necessidade, como ainda nos explicita o Relatório GEM:

Uma das hipóteses para explicar uma das últimas posições do Brasil no ranking internacional, em termos de conhecimento do produto por parte do consumidor, é o elevado índice de empreendedores por necessidade. Esse tipo de empreendedor normalmente desenvolve suas atividades produzindo bens já existentes no mercado [...]. (GEM, 2008, p. 66)

Os fatos narrados acima ainda são potencializados pela fragilidade encontrada no apoio às pequenas e médias empresas, no tocante ao fornecimento de informações sobre elaboração, orientação e acompanhamento de novos projetos, fazendo com que, o empreendedor brasileiro seja mais um imitador do que criador.

O Quadro criado e encontrado pelos fatores acima relatados nos faz observar uma concorrência crescente via preço e não via exclusividade, particularidade, dos produtos.

Mesmo com os preços regulados pela concorrência, o empreendedor busca em sua atividade, principalmente nos países com baixa ou média concentração de renda, uma forma de sobreviver com seu empreendimento, o que faz aumentar o receio, a barreira, contra inovações.

O Quadro 6 e a citação abaixo nos mostram o perfil do empreendedor brasileiro em relação a capacidade de inovação.

Característica	Empreendedores		
	Não-inovador	Capacidade de Inovação Intermediária	Inovadores
Conhecimento do produto	Ninguém considera novo	Novo para alguns	Novo para todos
Quantidade de concorrentes	Muitos concorrentes	Poucos concorrentes	Nenhum concorrente
Idade das tecnologias e processos	Mais de 5 anos	De 1 a 5 anos	Menos de um ano
Expectativa de exportação	Nenhum consumidor externo	Ter até 50% dos consumidores externos	Ter mais de 50% dos consumidores externos
Criação de emprego	Até 5 empregos	De 5 a 20 empregos	Mais de 20 empregos

Quadro 6 – Empreendedores Brasileiros Segundo Características De Inovação Dos Empreendimentos

Fonte: GEM (2008, p. 71).

[...] 98,3% dos empreendedores brasileiros utilizam tecnologias já disponíveis no mercado (disponíveis há mais de um ano). Isso demonstra que empreendedores inovadores, que desenvolvem novas bases tecnológicas, sustentáveis por infraestrutura P&D, gerados em incubadoras tecnológicas e criados por pesquisadores e empreendedores qualificados ainda estão muito longe de se tornar a realidade brasileira. (GEM, 2008, p. 72)

O Brasil, segundo a pesquisa, figura entre os últimos colocados em relação aos empreendimentos inovadores, e em relação aos empreendedores novos, 45% destes apresentam-se mais interessados em fornecer seu próprio trabalho, seu “ganha pão”, sem expectativa de criação de novos postos de trabalho por, pelo menos, cinco anos.

Nesta parte do trabalho, onde se procura justificar o ensino empreendedor em todas as disciplinas, além do próprio ensino de Empreendedorismo, pode-se colocar que há por parte dos agentes governamentais iniciativas como os cursos técnicos, onde o educando sai com uma profissão, há, na esfera privada, iniciativas como o SEBRAE, por exemplo. O importante em ressaltar aqui é a intenção não apenas de formar mão de obra qualificada para o mercado de trabalho (isto também, claro), porém o objetivo maior é trabalhar este educando na faixa etária a partir dos 18 anos (ver gráfico 3), preparando-o para a vida, para os entraves e situações de diversas magnitudes que este encontrará em sua vida profissional, proporcionando ferramentas para superá-las. Diferentemente dos anos iniciais de sua adolescência, este deverá trabalhar não com sonhos, mas, sim,

objetivos; estar apto observar o seu entorno e a trabalhar com pessoas; além de saber muito bem negociar seu valor.

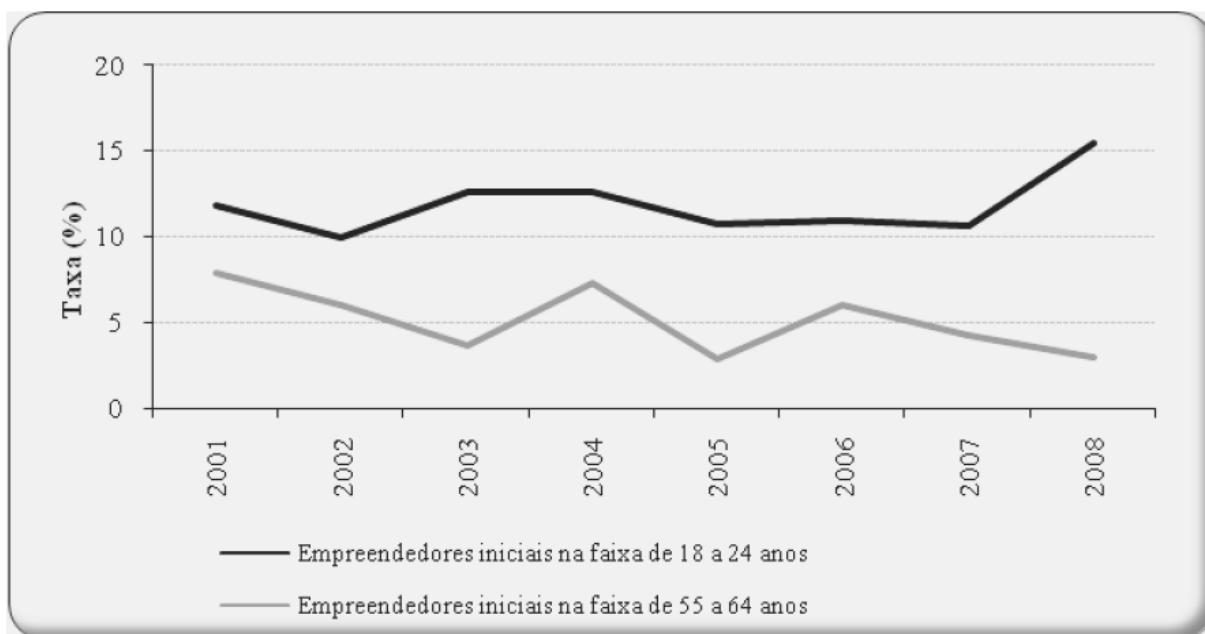


Gráfico 3 – Evolução comparativa da taxa de empreendedores iniciais por faixa etária de 18 a 24 anos e 55 a 64 anos de 2001 a 2008

Fonte: GEM (2008, p. 94).

No caso específico do Professor universitário, a criação de mentes empreendedoras torna-se mais importante, mais relevante em relação às etapas anteriores, pelo fato deste também trabalhar na formação de novos profissionais.

No caso do Professor do Ensino Superior, mais do que nas etapas anteriores, devem ser tomadas iniciativas inovadoras nas metodologias, nos processos de educação tanto vertical quanto horizontal, para efeito dos acadêmicos encontrarem saídas para situações adversas, para que se tornem cidadãos, e enfrentem as adversidades financeiras com ética e criatividade, dentro de uma economia (cada vez mais) verde e globalizada.

2 CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS SOBRE A FORMAÇÃO DOCENTE

No tocante a formação docente, encontra-se a disposição diversas tendências e nomenclaturas que enriquecem tal temática. Cabe aqui a exposição e importância em preparar o docente formador de novos docentes dentro da visão empreendedora.

Dentro dos conceitos sobre a formação de Professores, Souza (2010) traz o seguinte em seu trabalho:

Visando esboçar um cenário sobre o processo de formação de Professores e também da pesquisa sobre ele, buscou-se identificar na literatura pertinente as principais tendências e denominações em torno da temática. Assim, inicialmente, traçou-se uma explicitação dos seguintes conceitos: formação inicial, formação contínua, formação continuada, formação continuada em serviço e formação permanente [...] visa-se saber a suas diferenças, relações e complementaridades [...]

Tomou-se o cuidado para que a definição dos conceitos, inicialmente, não entrasse no mérito da defesa de suas conotações nas diferentes racionalidades que podem os fundamentar [...] (SOUZA, 2010, p. 85)

Assim como Souza (2010) em sua citação supra citada, também não é o foco aqui discussões referentes ao aprofundamento de tais conceitos, porém, suas importâncias e inter-relações que possam apresentar.

Partindo pelo princípio, a importância da formação inicial deste futuro docente encontra-se ainda na academia, em sua graduação (licenciatura), onde este terá contato com as habilidades mínimas (ao menos é o que se espera) para que este possa adentrar numa sala de aula ao menos com um mínimo de preparação.

Esta é a etapa onde o acadêmico deve ter contato com a parte teórica de sua profissão, permitindo-lhe, num futuro próximo, agir de forma mais natural, mais eficiente. Fazendo uma livre analogia, seria a “auto-escola”, onde o motorista aprende as primeiras noções de dirigibilidade, porém, ao passar do tempo, passa a dirigir seu veículo de forma competente e automática, sem ter que ficar lembrando algo do nível “para que lado liga a seta?”. Lembrando que o “tradicional” não necessariamente é ruim, porém, o intuitivo potencializa a ação do Professor melhor preparado. Sobre o intuitivo, Araújo (2006), traz o seguinte:

O método intuitivo, diferente do tradicional, que é de caráter verbal, está assentado nos sentidos, contemplados como sustentáculos para o desenvolvimento do ensino, pois se trata de potencializar a faculdade da intuição que busca discernir independentemente do raciocínio e da análise. (ARAÚJO, 2006, p. 28)

É neste momento onde o acadêmico terá contato com o planejamento escolar que, segundo Libâneo (1994), trata-se de...

[...] uma tarefa docente que inclui tanto a preparação das atividades didáticas em termos de sua organização e coordenação em face dos objetivos propostos, quanto a sua revisão e adequação no decorrer do processo de ensino. [...]
Há três modalidades de planejamento, articuladas entre si: o plano de escola, o plano de ensino e o plano de aulas. (LIBÂNEO, 1994, p. 221)

Para ser um Professor de Geografia com conduta empreendedora é fundamental se ter organização em seu cotidiano e, para tal, das ferramentas trazidas por Libâneo (1994), a mais importante para o cotidiano docente é o plano de aulas (Anexo 3), onde deve estar elencado conteúdo, metodologia e material didático a ser utilizado, destacando aula a aula.

Fazendo-se uso de tal documento, o Professor evitará momentos de imprevistos, prejudicando as relações existentes no processo de ensino e aprendizagem.

Tal documento traz as unidades e sub-unidades previstas anteriormente, para uma didática real, ajudando o Professor a se orientar, bem como facilitando sua constante atualização. Ao se fazer um planejamento escolar, o Professor deve ter o cuidado de trazer situações concretas, mantendo coerência entre as ideias e a prática, levando seus educandos a pensar.

Ao Professor tomar esta atitude aprendida na academia em seu dia a dia, estará trabalhando em sua formação continuada, esta...

[...] engloba toda a formação sistematizada e intencional ocorrida após a formação inicial, isto é, aquela que o Professor realiza frente a três situações: concomitante com sua atuação pedagógica; a partir de sua ação docente escolar, ou antes mesmo de atuar como ao ingressar nas pós-graduações [...] (SOUZA, 2010, p. 86).

As etapas formativas do Professor após sair da academia, ocorrem de forma interligada, ao passo em que este se preocupa em estar sempre atualizado buscando, em seu ambiente de trabalho, em pós-graduações, com seus educandos, estar sempre um passo a frente de seu tempo. Esta é a situação ideal para o Professor de Geografia ensinar sua disciplina com atitudes empreendedoras, levando seus educandos a tê-lo como exemplo e espelho, copiando-o em suas atitudes, tornando, desta feita, a disciplina de Geografia mais atraente ao educando, diminuindo o número daqueles que ainda a encaram como uma disciplina nem tão interessante.

CAPÍTULO II

EMPREENDEDORISMO NO ENSINO DE BASE

Neste item da pesquisa pretende-se demonstrar como os resultados nas relações educando e Professores, dentro de uma visão empreendedora, podem ser majorados.

Para isto faz-se necessário percorrer pela área da psicologia, sem aprofundar em demasia, até para que este não venha a concorrer com trabalhos específicos da área. O objetivo aqui é proporcionar aos que tiveram pouco contato com esta temática, ao menos noção do que trabalha a aprendizagem.

1 ABORDANDO A APRENDIZAGEM

Por vezes alguns educadores julgam seus educandos incompletos, despreparados, para viverem responsabilmente o corrente momento faltando algo, colocando adiante a responsabilidade pertinente àquele que lhe fora confiado.

Desde o berçário, as crianças respondem a estímulos relacionados seu meio; eles estão inseridos dentro de suas sociedades buscando seus espaços, seus direitos e, sem dúvida, suas responsabilidades.

[...] privado momentaneamente do seio, o bebê chupará seus dedos, ou objetos tocados fortuitamente, ou chupará no vazio [...]; e ele distinguirá rapidamente dessas situações derivadas a sucção quando da mamada [...] (PIAGET; GRÉCO, 1974, p. 60).

Aos poucos, quando esta criança ingressar na escola, estes estímulos devem ficar mais nítidos, voltados para a educação do sujeito, a fim de que possa criar para o hoje, dando base para que esta educação possa ser continuada em sua plenitude ao educando adentrar o ensino de base e Superior, enfim, por toda sua vida acadêmica.

Para tal, deve-se conhecer e trabalhar os estágios ao qual a formação deste ser humano, o educando, passa, até para que se possa obter melhores resultados na formação de seu caráter e na construção de seus conhecimentos.

O ensino visa aprendizagem. [...]

O conceito de aprendizagem tem vários significados não compartilhados. Algumas definições incluem: condicionamento, aquisição de informação, mudança comportamental, uso do conhecimento na resolução de problemas, construção de novos significados e estruturas cognitivas e revisão de modelos mentais. Estes conceitos de aprendizagem e ensino são expressos em três principais enfoques teóricos: Comportamentalista, Cognitivista e Humanista.

[...]

As teorias de aprendizagem buscam reconhecer a dinâmica envolvida nos atos de ensinar e aprender, partindo do reconhecimento da evolução cognitiva do homem, e tentam explicar a relação entre o conhecimento pré-existente e o novo conhecimento. A aprendizagem não seria apenas inteligência e construção de conhecimento, mas, basicamente, identificação pessoal e relação através da interação entre as pessoas. (STAUB, 2004)

E, buscando-se o conceito de aprendizagem em Piaget e Gréco (1974), encontra-se o seguinte:

Por oposição à percepção e à compreensão imediata, é necessário pois reservar o termo de aprendizagem a uma aquisição em função da experiência, mas se desenvolvendo no tempo, quer dizer mediata e não imediata como a percepção ou a compreensão instantânea. (PIAGET; GRÉCO, 1974, p. 53)

Pode-se entender a aprendizagem como algo a realizar ao deparar-se com a mudança de comportamento do educando, entendendo aqui comportamento num sentido amplo. Ao analisar uma criança que entra em sala de aula sem saber ler e, ao final do ano ela consegue fazê-lo, pode-se dizer que houve a aprendizagem. O mesmo ocorrendo com quem aprende uma operação aritmética, ou quem passa o olhar de forma diferenciada num fundo de vale após suas aulas de Geografia. O termo aprendizagem está relacionado não só com questões escolares, mas também a questões que envolvam o cotidiano, como cozinhar ou gostar de alguém. Este fenômeno ocorre desde o início da vida, sendo algo que se manifesta de forma diferenciada nas fases da vida. A aprendizagem implica em transformação; a aprendizagem implica em mudança.

Mas não é toda a mudança que podemos considerar aprendizagem; deve-se levar em consideração, ou seja, excluir, os casos advindos da própria maturação do indivíduo. A criança que passa a manusear um objeto apenas pelo

fato de que cresce e agora o alcança, a pessoa que passa a agir de forma diferenciada devido aos efeitos de medicamentos do qual faz uso, são alguns exemplos de que não se deve confundir com aprendizagem.

Ainda segundo Piaget e Gréco *op. Cit.*:

No sentido restrito, só falaríamos de aprendizagem num sentido em que um resultado (conhecimento ou atuação) é adquirido em função da experiência, essa experiência podendo aliás ser do tipo físico ou do tipo lógico matemático ou dos dois (sem levar em consideração a distinção introduzida a este respeito no §1). [...]

Trata-se neste caso de compreensões graduais e não mais imediatas, mas tais que o confronto de duas afirmações *a* e *b* foi levantada, enquanto até então não tinha sido percebida ou não pôde ser ultrapassada [...] (PIAGET; GRÉCO, 1974, p. 53 e 54)

A aprendizagem deve ser tomada de posse do educador como um processo integrativo, e não como um processo cumulativo, supondo uma dinâmica interna, mental. Citando Falcão (1986),

Uma pesquisa de campo ou bibliográfica, um exercício, um debate, a utilização de algum instrumento, a aplicação prática do conteúdo aprendido são recursos que facilitam a aprendizagem e a memorização. (FALCÃO, 1986, p.21)

A aprendizagem, assim como uma semente depositada em terreno fértil, fará surgir bons frutos desde que colocada de forma devida, em local propício, utilizando de técnicas adequadas também. A vida, de forma geral, deve dar-se em ambiente saudável, com estímulos frequentes de forma que estejamos prontos ao atendimento de nossas necessidades.

Os textos aqui analisados nos mostram que crianças ao recebem estímulos externos além do simples atendimento a questões fisiológicas, como alimento, por exemplo, tornam-se adultos mais completos, mais sensíveis ao desenvolvimento intelectual e pessoal. Isto se vê desde o berçário onde, segundo Piaget (1990), tem-se que:

[...] se o choro escutado reforçar o choro próprio por confusão ou indiferenciação, então vê-se despontar o momento em que o exercício reflexo dará lugar a uma assimilação reprodutora por incorporação de elementos exteriores ao próprio esquema reflexo: nesse caso, as primeiras imitações serão possíveis. (PIAGET, 1990, p. 21)

Técnicas de estimulação por vezes são necessárias para a devida aprendizagem em sala. No caso de um trabalho transdisciplinar, o simples fato do educando sair da rotina serve como um estímulo, pelo menos para esta atividade, o que deve ser prontamente aproveitado pelos Professores que estão na direção do mesmo.

Como trabalhado anteriormente, não se deve confundir aprendizagem com maturação. Ambos dependem de estímulos externos, só que a maturação ocorre de forma natural, sendo pertinente a todos os indivíduos da classe, e cada indivíduo tendo seu ritmo próprio de maturação, enquanto que a aprendizagem irá individualizá-lo.

As questões maturativas também são atribuídas às mudanças neurofisiológicas e bioquímicas do organismo. A aprendizagem é conceituada como alteração no comportamento, ocasionada por uma experiência, sendo capacidade inviável sem um mínimo de maturação. (DIAS, 2007, p. 13)

Numa escala evolutiva, desde a célula ovo até o indivíduo em fase adulta, é enorme o número de modificações a que ele se submete. Falcão (op. cit., p. 46) define maturação como sendo “o processo de diferenciações estruturais e funcionais do organismo, levando a padrões específicos de comportamento”.

Importante lembrar que, quando aqui se faz uso do conceito "processo", tem-se que entender algo ainda inacabado, algo que está em evolução, em espiral ascendente, se desenvolvendo por etapas.

A questão do estímulo também é pertinente à maturação, tendo em vista que um indivíduo participativo, que habita, um ambiente que lhe proporciona poucos estímulos, tem sempre a visão de que a tarefa proposta a ele está acima de suas condições de realização, ficando aqui a questão de aprendizagem mais comprometida em relação à outros que não partilham destes azares.

Portanto, maturação e aprendizagem não tratam do mesmo assunto, mas, estão intrinsecamente relacionadas, de forma que um indivíduo progredindo em suas potencialidades biológicas estará propenso a ter maior evolução em relação ao aprendizado. A este produto pode-se chamar de desenvolvimento.

2 AS FASES NA FORMAÇÃO DO INDIVÍDUO

Para o enriquecimento deste trabalho esta questão é tanto quanto relativa, porém, neste momento, seria uma imprudência excluí-la, a fim de trazer reflexões sobre o tema.

O educando de 40 anos atrás, perdoando-se a redundância, com certeza é diferente do atual, e, certamente, será diferente ao do futuro.

Conceitos básicos do nosso dia-a-dia são voláteis, mudando, por vezes, nossa maneira de agir e pensar. O próprio conceito de família hoje é bem diferente do passado, deixando de ser patriarcal, passando a ser funcional. Longhi (2006) traz:

A família patriarcal cede lugar a uma pluralidade de famílias nucleares biparentais, monoparentais de valências diversas. Uma criança média tem diversos pares de avós e diversos 'lares' entre os quais escolher – "por temporada", como as casas de praia. Nenhum deles se parece como verdadeiro "e único" lar. (LONGHI, 2006, p.37)

Para não se ater a diversos autores sobre o tema, recorrendo contrapontos e semelhanças sobre o mesmo, inspiremo-nos em Piaget (*apud* POMBO, 2002) que, com certeza, trata-se de um autor respeitado no meio, servindo de referência para psicólogos, pedagogos, e profissionais de diversos níveis das áreas de ensino.

Para Piaget existem quatro factores fundamentais no desenvolvimento cognitivo: a hereditariedade, a adaptação, os esquemas e o equilíbrio das estruturas cognitivas. A hereditariedade é relevante porque todo o sujeito herda um conjunto de estruturas biológicas que se desenvolvem em contacto com o meio ambiente e que favorecem o aparecimento das estruturas mentais. Da adaptação fazem parte dois processos: a assimilação e a acomodação e são estes que permitem ao indivíduo responder aos desafios do ambiente que o rodeia. Os esquemas correspondem à nossa estrutura básica no que respeita a possíveis respostas perante estímulos exteriores. Quanto ao equilíbrio das estruturas cognitivas, este consiste num processo de auto-regulação interna de modo a regular os equilíbrios com os desequilíbrios. (POMBO, 2002)

A citação acima traz a questão de hereditariedade versus ambiente, onde Piaget não assume posição alguma como geneticista ou ambientalista, assume

sim a posição do construtivismo. Ele não coloca que o indivíduo nasce com sua inteligência pronta, sendo utilizada de acordo com o passar do tempo, mas também não acredita que a criança nasce como uma folha em branco.

A criança passa a agir, a construir seu mundo a partir do momento em que seu processo de maturação se manifesta. Isto ocorre logo nos primeiros meses. Esquemas mentais como pegar um botão utilizando-se do polegar é a demonstração de um esquema mental, de um aprendizado, demonstrando que um esquema que não nasceu com a criança foi por ela desenvolvido, assimilando a realidade durante a progressão de seus estágios intelectuais.

Piaget (1990) trabalha quatro estágios no desenvolvimento da inteligência, diferindo pelas características em que o indivíduo interage com a realidade.

- 1º Estágio, conhecido por sensório-motor, situa-se na faixa etária de 0 a 2 anos, caracterizada pelos primeiros esquemas que a criança dispõe, dentre eles sucção, deglutição, entre outros. De acordo com a ação da maturação e dos estímulos ambientais, percebe-se seu desenvolvimento, suas mudanças de no comportamento, onde seus atos direcionam a um fim desejado.
- 2º Estágio, o pré-operacional, varia dos 2 aos 7 anos, onde ocorre a fixação da percepção. O domínio do simbolismo permite a criança para as linguagens verbais e matemáticas. Sua inteligência apresenta-se como intuição, e seu pensamento é egocêntrico. Nesta fase ainda há dificuldades na questão de volumes; se deres uma bolinha de massa e um pires feito com a mesma quantidade de massa que a bolinha, a criança terá grandes dificuldades em visualizar que ambas possuem a mesma massa.
- 3º Estágio, o operacional-concreto, ocorre de 7 a 11 anos, a criança desenvolve a capacidade de ação interna, o que chamamos de “operação”, fruto da sequência da maturação e a influência do ambiente. A operação é uma ação interiorizada com diversas características, sendo, principalmente, a reversibilidade que, por sua vez, é a ação direta correspondente à ação inversa. Nesse estágio a criança passa a entender que, se não tirar ou

adicionar massa, o pires e a bola do exemplo anterior terão a mesma massa. Nesse estágio também se desenvolve a descentração em substituição ao egocentrismo, permitindo com que a criança raciocine em diversos ângulos.

- 4º Estágio, o operacional-formal, manifesta-se a partir dos 11 anos. O raciocínio do jovem neste estágio se dá com base na forma. A operação formal se dá com base no raciocínio, com menor necessidade de um dado concreto, utilizando-se de deduções. Aqui encontra-se o público a poder trabalhar a Geografia com uma visão empreendedora de forma mais explícita, pois, nos estágios anteriores, principalmente o terceiro, também pode trabalhar tal tema, porém de maneira mais subliminar, mais sucinta.

Pode-se dizer, portanto, que o ser humano busca uma integração, um ajustamento ao ambiente, utilizando-se de seus conhecimentos; construindo seus conhecimentos através de formulações de esquemas inatos assimila a realidade, aumentando seus conhecimentos. Cada um dos estágios representa uma fase, um momento, onde se observa os estilos de acomodações e assimilações. Como não há a anulação das informações entre um estágio e outro, pode-se dizer que um adulto utiliza recursos adquiridos em estágio anteriores, mais do que os do estágio final que se encontra, justificando nosso anseio de trabalhar com jovens desta faixa etária. Estaremos preparando o “campo educando” para que, no futuro, possa ser um adulto mais dinâmico e representativo em sua sociedade, trabalhando com respeito e ética, sendo um líder, um empreendedor, onde, além de si mesmo, possa desenvolver trabalhos que envolvam a melhoria da qualidade de vida de toda a sociedade.

3 O COMPROMETIMENTO COM O PROCESSO DE APRENDIZAGEM

No item 2.1 trabalhou-se o conceito de aprendizagem e, o que esta parte do trabalho pesquisa é a questão da importância das experiências anteriores neste processo, assim como a necessidade das escolas em estarem buscando sua

adaptação em um mundo onde se apresenta grande velocidade de informações e transformações.

A aprendizagem, portanto, exige que a criança tenha contato com materiais como jornais, revistas, livros, (todos se supondo de qualidades gráfica e conteudista adequadas) entre outros, tudo isso potencializado no caso de seus pais também serem leitores assíduos, pessoas críticas, com visão holística sobre as relações humanas, abertos ao diálogo e participativos na criação e no dia a dia acadêmico de seu filho. Falcão (1986) nos traz o seguinte exemplo:

Digamos que o Sr. Miguel seja um especialista em insetos. Estudou e aprendeu muita coisa sobre esses animais. Nem por isso seu filho vai nascer sabendo identificar tipos de insetos. Aprendizagem não transmite por hereditariedade. Certamente a convivência com o pai trará à criança ocasiões para observações e experiências, e desta forma ela poderá aprender noções relativas aos insetos. (FALCÃO, 1986, p. 20)

No caso das escolas, fica claro que o mundo está evoluindo numa velocidade jamais vista; as escolas particulares vão à busca de novidades aos seus educandos (incluam-se aqui os pais/clientes), mas, cada vez mais sendo acompanhadas pelas escolas públicas, como, recentemente pode-se observar através da Lei Federal 11.769 de 18 de agosto de 2008, trazendo a obrigatoriedade do ensino de música em instituições públicas, o que antes era praticamente encontrado em instituições particulares.

A Lei explicita:

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:
Art. 1º O art. 26 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar acrescido do seguinte § 6º:
“Art. 26.
§ 6º A música deverá ser conteúdo obrigatório, mas não exclusivo, do componente curricular de que trata o § 2º deste artigo.” (NR) [...] (MEC, 2008)

Indo além da disciplina de Música, partindo para os idiomas estrangeiros, é comum encontrar escolas bilíngues, quando não trilingues, buscando parcerias com instituições internacionais ou contratando profissionais qualificados para promover o maior desenvolvimento dos seus educandos. Porém, esta realidade está, via de regra, situada (ainda) apenas no campo das escolas particulares, onde

os educandos de classes sociais menos favorecidas, terão alguma dificuldade em ter acesso.

Infelizmente, na maioria das vezes, ainda encontram-se algumas escolas públicas e privadas com uma realidade nem tão interessante no tocante à oferta de condições mais propícias ao bom desenvolvimento de seus educandos.

Cabe uma breve reflexão: do 14bis (onde teve seu primeiro vôo realizado em Paris, França, em 23 de outubro de 1906, percorrendo 60 metros em sete segundos), ao primeiro homem voar no espaço (Yuri Gagarin, russo, deu uma volta completa na Terra em sua nave Vostok 1, em 12 de abril de 1961), passaram-se, aproximadamente, 60 anos; na área da informática ou da telefonia, por exemplo, observam-se mudanças em ritmos até mais intensos.

O potencial do educando deve ser trabalhado da melhor maneira possível, desenvolvendo-se novas técnicas, utilizando-se de todos os recursos possíveis. Entenda-se aqui que não se trata apenas de recursos de alto nível tecnológico, mas também recursos mais simples, porém, se utilizados com inteligência, podem gerar resultados satisfatórios também.

Observam-se jovens recebendo uma quantidade de informações cada vez mais rápidas e também cada vez mais de fontes nem tanto confiáveis, tendo em vista que, em grande parte dos casos, estas informações são adquiridas por meio da rede mundial de computadores, principalmente, e sem a presença efetiva de um educador ou orientador ao seu lado.

Longhi (2006) coloca que...

Entra-se nos *chats* e têm-se “camaradas” que conversam com o indivíduo em questão. Os camaradas, como bem sabe todo viciado em *chat*, vêm e vão, entram e saem do circuito – mas sempre há na linha alguns deles ansiosos para inundar o silêncio com “mensagens”. No relacionamento “camarada/camarada”, não são as mensagens em si, mas seu ir e vir, sua *circulação*, que constitui a *mensagem* – não importa o conteúdo. [...] Os provedores de acesso à Internet não são sacerdotes santificando a inviolabilidade das uniões. (LONGHI, 2006, p. 18-19)

Como mencionado anteriormente, nem todas as escolas acompanharam esta evolução, e continuam trabalhando numa linha educacional idêntica de tempos pretéritos (para não se falar “jesuítica”). Não cabe aqui dizer se a

culpa é do sistema ou não, mas este fato é real e evidente para o educador crítico e comprometido com o presente e futuro de seus educandos.

Proporcionar momentos diferenciados aos educandos certamente trata-se de uma maneira para aumentar o interesse deles pelas disciplinas a serem trabalhadas, trazendo-os mais próximos da realidade, saindo um pouco do ambiente tradicional de ensino. No caso da informática, aulas no laboratório de informática, com visitas a sítios previamente selecionados, trarão aos educandos a ideia de que a rede mundial vai além de relacionamentos “camarada/camarada”.

Ministrar aulas diferentes das tradicionais, encontradas na maioria das escolas e ainda necessárias para o processo de aprendizagem, buscando uma dinâmica extraordinária àquela que o educando está habituado, podem render frutos diferenciados, até por que:

A aula é um momento mágico. Nela, o Professor transforma pedagogicamente pelos processos cognoscentes, na sua ação prática, a matéria enquanto conteúdo a ser comunicado. [...] A aula se faz, marcada por um contexto, situada por determinadas circunstâncias, nas quais o saber e o conhecimento se constroem coletivamente no exercício de fazer a aula. (CAMPOS, 2007, p. 38-39).

O papel do Professor aqui vai além da sala de aula; este deve ajudar ao educando, desde a disciplina em curso, a dicas de como formar sua rede de relacionamentos de maneira eficiente, e saber utilizá-la a seu favor assim que necessário.

E, no caso de se trabalhar com dois ou mais Professores de disciplinas diferentes em sala de aula dentro de uma mesma temática, porém, com focos pertinentes em todos os quais os participantes gozarão de aprendizado tanto vertical quanto horizontal diferenciado também, pois, como cita Freire (2004, p. 69) “toda a prática educativa demanda da existência de dois sujeitos, um que, ensinando aprende, outro que, aprendendo, ensina”.

Trabalhar Geografia trazendo exemplos externos, contextualizados, situações problemas, em grupos, buscando resultados que, mesmo sendo diferentes dos demais colegas também estão corretos, faz com que as aulas tenham uma dinâmica extraordinária, assim como a maioria dos resultados a serem considerados

no final. Aqui, tanto educando quanto educador, tem que pensar “fora do seu quadrado”.

E, em relação ao educando, o Professor deve estar atento à bagagem que este traz; suas experiências anteriores podem não ter sido tão favoráveis como de outros educandos e, para que haja uma compensação, devem ser organizadas atividades que supram esta falta.

Ainda sobre a escola e o tempo em que o educando convive nela, Longhi (2005) também traz que:

O espaço e o tempo educativos constituem um momento privilegiado, único e irrenunciável com vistas ao crescimento integral da pessoa. Espaços como estes, que a tornam capaz de transformar e disponibilizar os conhecimentos adquiridos em benefício social, ajudando os outros a compreender e enfrentar os constantes e complexos desafios que a história incessantemente apresenta. (LONGHI, 2005, p. 57)

A escola, na pessoa do Professor, tem a responsabilidade de ser agradável ao educando, trazendo prazer ao mesmo enquanto frequenta aquele espaço, contribuindo não só para sua formação acadêmica, mas também cultural, ao proporcionar-lhe meios de se tornar um cidadão mais ativo e crítico dentro da sociedade.

A escola deve se preocupar em mudar, transformar, aos que lhe frequentam.

4 A CONDUTA EMPREENDEDORA NO ENSINO DE BASE

Para o Professor, não há a necessidade em ser um profissional formado em contábeis, ou matemática, bem como quaisquer tipos de ciências exatas, até mesmo por haver a necessidade em desmistificar, desvincular, a disciplina de empreendedorismo com as áreas pertinentes à administração de empresas e afins, trazendo este conceito para todas as esferas, como traz Dolabela (1999):

[...] O veículo de sua aplicação pode ser uma disciplina (ou várias) inserida em um curso de segundo ou terceiro graus, cujo “Professor” deve atender somente a dois pré-requisitos: O primeiro é estar disposto a enfrentar o desafio de introduzir novo conteúdo e novos processos didáticos e a superar os obstáculos que inevitavelmente se apresentam a quem quer inovar. O segundo é ter a disponibilidade e a vontade de estabelecer vínculos com o mercado, com empresas e empreendedores, com o ambiente onde os conhecimentos que domina são transformados em riqueza. (DOLABELA, 1999, p. 23)

É de se esperar a tomada de precauções pertinentes a quaisquer disciplinas que o Professor irá trabalhar, buscando inovar seus processos didáticos e metodológicos, sem comprometer o conteúdo central a ser trabalhado, pelo contrário, enriquecendo-o.

Para início destas reflexões, tomem-se as palavras de Charlot (2005), que nos traz a definição de que é ser Professor, assim como traz também qual a função de seu trabalho.

Portanto, o trabalho do Professor não é ensinar, é fazer o aluno aprender. A própria definição de Professor não é ensinar, é permitir ao aluno aprender. Ensinar não é a mesma coisa que fazer aprender, ainda que, muitas vezes, para fazer o aluno aprender, o Professor tenha que ensinar. Neste sentido, acho que a eficácia das práticas do Professor depende dos efeitos destas sobre as práticas do aluno. (CHARLOT, 2005, p. 96).

A citação anterior nos traz que a criatividade do Professor é a ferramenta que realmente fará a diferença neste processo de ensino e aprendizagem, de forma que o educando sinta-se tocado e estimulado a compreender o que o seu Professor traz em sua aula.

Ao Professor é importante exercer sua liderança em sala de aula, fazendo com que a classe que o acompanha esteja a ele aderida, de forma implícita, trazendo-lhe uma obediência por escolha, não por imposição.

Sobre este assunto, La Taille nos coloca que...

[...] há legitimidade de quem possui influência sobre outrem, mas não há hierarquia. É o caso da persuasão. Por exemplo, se, nas eleições, votamos em determinado candidato porque um militante de seu partido nos convenceu sobre suas qualidades, agimos, de fato, como esse militante queria, mas ele somente teve influência sobre nós porque nos rendemos, não ao seu mero conselho, mas a seus

argumentos, os quais passamos pelos nossos crivos pessoais. (LA TAILLE, 1999, p. 11).

Deve-se também levar em consideração as políticas adotadas pelas instituições as quais estes profissionais estão engajados. Em verdade, por vezes, sentem-se os Professores “amarrados”, principalmente quando se tratam de escolas particulares, onde há grande e justa preocupação em manter o emprego, evitando desavenças com a equipe de coordenação da instituição.

Outro problema é motivar jovens a estudar. Com as recentes denúncias de facilidades na aprovação dos alunos em escolas públicas (SINTRACOOOP, 2010), parte dos educandos que lá frequentam ficam desestimulados a enriquecer-se com a aquisição de novos conhecimentos, acabando apenas por “ir” a escola, e não a vivê-la.

A escola, portanto, não é um local onde apenas se criam novos pensamentos, e sim um local onde se propagam os conhecimentos existentes; juntando-se ao fato dos educandos de hoje terem acesso a uma grande quantidade de conhecimentos proporcionados pela velocidade de informações de veículos tais como televisão e, principalmente a rede mundial de computadores, caso não houver um cuidado especial por parte dos profissionais envolvidos, esta perderá sua função junto aos jovens.

Motivar os jovens irem, aqui aplicado no sentido mais profundo do verbo ir, à escola não é simplesmente trazê-los ao local onde irão estudar;

E mais ainda: dever ir à escola não é apenas dever estudar! É dever seguir um horário, um calendário, um trajeto. E, sobretudo, ir à escola implica dever *obedecer* às pessoas responsáveis pelo ensino, [...] (LA TAILLE, 1999, p. 16)

Fazer com que os jovens educandos realmente entendam a importância de estarem neste ambiente escolar, bem como respeitar (e gostar) do Professor, são condições fundamentais para que estes estejam prontos, que estes sejam terrenos férteis para que lá se plantem sementes.

Principalmente nas escolas particulares, onde, por vezes, os educandos são tratados como clientes e, sabidamente se percebem disto, La Taille (1999), nos coloca o seguinte:

Ora, um aluno que justifica sua desobediência a um Professor “lembrando-lhe” que seus pais pagam a escola (discurso que provavelmente ouviu em casa) está, no mínimo, desconsiderando totalmente sua preparação para a cidadania, pois está considerando apenas a escola como uma agência de serviços que deve levá-lo, sem muitas turbulências, até os diplomas necessários à sua inserção no mercado de trabalho. Ele se vê, como já apontado, como um cliente, como um consumidor. A rigor, ele não somente não tem obrigação de obedecer, como legitimidade para mandar. (LA TAILLE, 1999, p. 19)

O que é de realmente se lamentar é quando este tipo de discussão atinge a esfera do nível superior, indicando que, mesmo na universidade, ainda não ficou bem claro ao educando o seu papel, e a importância do Professor em sua formação, o que demonstra a série de equívocos a que este educando esteve exposto durante sua vida acadêmica e familiar.

Ao Professor empreendedor cabe, desde as séries iniciais, auxiliar seus educandos na compreensão das relações que estão ocorrendo (e que ocorrerão) por toda sua vida acadêmica. O Professor empreendedor deve ser aquele que traz ao educando algo a mais daqueles discursos vazios de que se deve estudar para ganhar dinheiro, ou para não virar lixo (com as devidas desculpas a estes profissionais aqui tomados como exemplo, porém com grande carinho e admiração pela sua profissão tão fundamental dentro de nossa sociedade); ao Professor empreendedor cabe trazer ao educando o prazer de estar dentro de uma instituição de ensino, a alegria de aprender e de compartilhar suas vitórias e derrotas, alegrias e tristezas, com seus colegas e amigos, aumentando seu grau de comprometimento com os processos lá encontrados. Desta forma, este profissional estará preparado a ministrar qualquer tipo de disciplina, inclusive (e principalmente) a Geografia.

5 A DISCIPLINA DE EMPREENDEDORISMO NO NÍVEL DE BASE

Esta etapa do trabalho proporciona ferramentas para valorizar a mudança de fase que os educandos do nono ano do Ensino Fundamental II terão ao final do ano, ao cruzarem a fronteira com o Ensino Médio. Devem-se retomar aqui os estudos de Piaget (1990) relacionados aos quatro estágios de desenvolvimento da inteligência.

Os jovens educandos pertencentes ao nono ano, ainda estão mais em busca de sonhos do que de objetivos (estes mais encontrados no nível superior), algo que se pode considerar como sendo a fase do “pré-projeto”, como explicita Caldeira (2008):

No 9º ano, os assuntos, escolhidos de maneira a contemplar as expectativas dos jovens no importante momento da transição do Ensino Fundamental para o Ensino Médio, são tratados de forma ajustada à faixa etária, a fim de possibilitar maior compreensão dos conteúdos e familiarização com as dinâmicas das aulas. (EMPREENDEDORISMO, 2008, p. 04).

Portanto, este ano tem, basicamente, por objetivos, desmistificar alguns conceitos tais como aquelas questões mais básicas de que Empreendedorismo não é reservado apenas a empresários, e sim àqueles que empreendem a si próprio, bem como tornar os educandos habituados com as dinâmicas das aulas a serem ministradas nos anos seguintes.

Cabe ao Professor começar a estimular o educando a trabalhar em equipe, ministrando aulas dinâmicas e interessantes.

O Professor deverá canalizar o gosto que os jovens têm pelos riscos (basta questionar sobre quem não fez nada as escondidas dos mais velhos um dia), e jogar este sentimento, fazendo com que o educando tenha prazer em desafiar o Professor, e saiba fazê-lo com discernimento.

Fazer com que os medos do mundo adulto não comprometam o andamento da evolução deste jovem é, certamente, um dos objetivos a serem alcançados pelo Professor, bem como este também deve ter a precaução de não sufocar os sonhos dos jovens, mas sim levá-los a uma reflexão se estes são viáveis ou não, estimulando-o a pesquisar sobre os assuntos, principalmente com a utilização vigiada da rede mundial de computadores (trazendo-lhe uma função mais nobre e interessante do que perder horas em sítios de relacionamento, ou com jogos que em pouco contribuem com sua formação sócio-acadêmica), além de entrevistas com profissionais de áreas almejadas, relacionadas com seus sonhos.

Esclareça-se aqui também que o Professor não tem a necessidade de ser um matemático, ou empresário, ou contador, mas, sim, que este profissional tenha um espírito empreendedor forte o suficiente para fazer suscitar nos jovens estes mesmos sentimentos.

O empreendedor é alguém que define por si mesmo o que vai fazer e em que contexto será feito. Ao definir o que vai fazer, ele leva em conta seus sonhos, desejos, preferências, o estilo de vida que quer ter. Desta forma, consegue dedicar-se intensamente, já que seu trabalho se confunde com o prazer. (DOLABELA, 1999, p. 68)

Portanto, cabe ao profissional de ensino estar comprometido com estes jovens, respeitando seus sonhos, bem como proporcionando ferramentas para alcançá-los, sem esquecer ou deixar de mencionar as questões relacionadas a ética.

E, no Ensino Médio o papel do educador não muda; o que muda é o como alguns conceitos poderão ser aprofundados.

Retomando Caldeira em Empreendedorismo (2008):

Nas 1ª e 2ª séries do Ensino Médio, os conceitos são mais aprofundados, porém o curso não pretende formar especialistas em finanças, marketing, direito, gestão de recursos humanos, e sim, empreendedores para a vida. (EMPREENDEORISMO, 2008, p. 04).

Trabalhar com o educando o quanto é importante ter e tomar suas decisões o fará um adulto mais focado, e de decisões mais acertadas. Trazer informações que desmistificam preconceitos também é parte importante nesta fase do ensino de empreendedorismo; fazer com que o educando reflita que, numa entrevista de emprego, tão importante quanto falar o inglês (ou outro segundo idioma) fluentemente, é ter o controle sobre a escrita e a fala de seu idioma materno.

Deve-se começar a trabalhar informações mais concretas, mais contextualizadas na vida dos educandos; fazer com que eles percebam-se agentes ativos na formação de suas sociedades, e que suas competências não são inatas, mas sim desenvolvidas; fazer com que o jovem entenda que hoje, no século XXI, não está apenas concorrendo com o colega a seu lado, mas está concorrendo com pessoas do mundo inteiro, devido aos avanços nas tecnologias de transporte e comunicação.

Fazer com que o educando também tenha consciência que a vida não é o mundo de Polyana, onde tudo vai dar certo, pois há decisões a serem tomadas, como Dolabela (2004) coloca em sua obra "A ponte mágica", onde uma criança reage ao ter parte de seu sonho "literalmente" furtado. Ele traz a seguinte fala da personagem Maria, menina muito pobre que, dentre outras iniciativas, vendeu goiabas para realizar o sonho de comprar uma sandália Melissa, esta sendo

logo furtada por uma pessoa que não teve a mesma força que ela para a realização de seus sonhos.

Eu também pensei que fosse chorar muito, mas não. Fiquei triste. Só que a alegria maior foi ter comprado a sandália. Eu me lembro como trabalhava feliz para conseguir a sandália. Quem roubou a sandália não conseguiu roubar minha capacidade de sonhar e realizar outros sonhos. (DOLABELA, 2004, p. 20).

As decisões sobre as emoções explicitadas na citação anterior, também fazem parte de como se pode aumentar o poder de resiliência, fazendo as atitudes a serem tomadas mais com a razão que a emoção.

6 O ENSINO EMPREENDEDOR NA GEOGRAFIA

Trazendo como ponto inicial destas discussões o ensino de base, deve-se fazer com que se “prepare o terreno” a fim de, no presente e no futuro, o educando possa direcionar e planejar com maior sucesso seus movimentos, trazendo-lhe maiores oportunidades em elaborar e, quem sabe até dar um passo importantíssimo para concretizar, seus sonhos.

O primeiro item a ser trabalhado é desmistificar que ser empreendedor é algo apenas voltado ou relacionado diretamente a empresários. O empreendedor é aquele que trabalha com ética e valor; é aquele que planeja e levanta recursos para realizar seus sonhos, atingir suas metas, seus objetivos. É aquele que vive uma vida responsável, organizada e ética. Ensinar empreendendo nesta fase da vida em que se encontram os educandos é proporcionar ferramentas para que o jovem atinja seus sonhos pessoais em plenitude (CALDEIRA, 2009).

Cabe a seguinte reflexão às escolas: os pais não desejam mais apenas preparar seus filhos para o vestibular; os pais não estão se importando somente com a estrutura física do estabelecimento de ensino a qual estão confiando seus rebentos; os pais estão preocupados em preparar seus filhos para o mercado de trabalho.

Em pesquisa recente realizada pelo grupo UNILEVER “A Descoberta do Brincar” (Anexo 2), publicada na Revista *Veja* na edição de número 1996, do dia 27 de fevereiro de 2007, além de disponível no sítio referenciado neste trabalho, pode-se contemplar e refletir sobre números nela encontrados, os quais apontam

mais diretamente a postura da escola em relação aos pontos de vista dos pais. No item metodologia da referida pesquisa encontra-se:

A pesquisa cobriu todo o território nacional, representando a população de pais com filhos de 6 a 12 anos em todas as suas principais variáveis: sexo, idade, escolaridade e classe social. As entrevistas foram distribuídas em todas as regiões do País, representando todos os estratos de porte de cidade (pequenas, médias e grandes), num total de 77 municípios.

A amostra de 1014 entrevistas representa um total de 31.560.000 pais e 24.320.000 filhos.

Todas as entrevistas foram pessoais e domiciliares, sendo que a seleção dos domicílios foi feita por meio de sorteio aleatório de setores censitários do IBGE.

Os resultados aqui apresentados são uma compilação de todas as fases do estudo, incluindo a visão de todos os públicos pesquisados. (UNILEVER, 2007, p. 3)

A pesquisa, dentre tantas outras informações, nos traz que:

- 59% dos pais concordam totalmente que o mercado de trabalho está cada vez mais competitivo e será difícil para seus filhos conseguirem um bom emprego.
- 26% dos pais priorizam a preocupação das crianças desde cedo para o mercado de trabalho, enquanto apenas 19% deles consideram prioridade deixar as crianças brincarem mais.
- 53% dos pais concordam que as crianças brincam menos do que deveriam hoje em dia.
- 84% dos pais concordam que, para estarem preparadas para a vida, as crianças devem estudar mais do que brincar. (UNILEVER, 2007, p. 06).

Estes números revelam que os pais nem sempre estão preocupados somente com a estrutura física que a escola tem para oferecer; que os pais não estão tão preocupados com a equipe de Professores que atuam em determinado estabelecimento de ensino; estes dados nos mostram que os pais também não estão apenas preocupados com o “como” a escola intercederá junto a seu filho.

O que se observa é que grande parte dos pais têm em suas consciências que, cada vez mais, o mercado de trabalho é concorrido, e que as boas oportunidades (quando aparecerem) estarão num nível elevado de concorrência - principalmente em momentos de crise econômica como a observada neste momento histórico (ainda se vive certa “ressaca” da crise econômica mundial), onde as grandes empresas transnacionais trocam seu corpo funcional por

profissionais mais jovens, tão eficientes quanto e, certamente, com custos inferiores aos antigos funcionários existentes.

Mesmo com 53% dos pais acreditando que os filhos brincam pouco na escola, e que esta brincadeira é fundamental para seu bom desenvolvimento pessoal, 84% acreditam que o estudar é mais importante do que brincar.

Neste sentido, a visão empreendedora do Professor de Geografia deve estar aguçada, na ânsia em desenvolver melhor seus educando.

7 OS TRABALHOS DE CAMPO COM ABORDAGEM EMPREENDEDORA

A Geografia como ciência moderna surgiu em finais do XIX, através dos trabalhos dos alemães Alexander Von Humboldt e Karl Ritter e, pertinente neste momento foi a 'encaixotada' que a Geografia sofreu pelas mãos do Positivismo de Augusto Comte. Essa Geografia era voltada mais aos levantamentos de informações de dados após observações, sem a preocupação direta da compreensão dos mesmos. Este fato de se fracionar os conhecimentos, ainda hoje se pode observar com grande frequência nos livros didáticos, onde é trabalhado clima, solo, relevo,...., tudo de forma separada, fragmentada, como um completamente independente do outro, como se fossem sistemas fechados, com poucas possibilidades de relações entre si (ROTUNNO, 2007, p. 21).

Pires et al (2002) traz que:

Tais características são ainda perceptíveis no ensino de Geografia no Brasil, já que ao analisarmos livros didáticos em circulação, constata-se que o enfoque principal se dá a partir da apresentação de dados de forma seccionada [...] sem que se promova, na maioria das vezes, uma discussão e/ou correlação entre os mesmos, o que, infelizmente externa uma linguagem de inutilidade ao conhecimento geográfico [...]. (PIRES, 2002, p.23).

Ao sair com os educandos para um trabalho de campo com uma base dentro destas impostas pela maioria dos materiais didáticos que se têm, simplesmente estar-se-ia proporcionando um passeio onde, provavelmente, o que mais se ouviria por parte dos participantes do processo, seriam comentários

negativos por estarem sujando seus tênis, ou reclamações de fome, sede ou calor em excesso provocando fortes odores em alguns colegas.

O que o educador empreendedor pode fazer é, mesmo sem contar por vezes com materiais didáticos que julgue adequados, levar seus educandos a buscar uma consciência crítica e holística e, ainda dentro da sala de aula, conseguir fazê-los absorver a ideia que nosso palco, o Planeta Terra, é fruto de relações que ocorrem em diversos níveis, como, por exemplo, os diversos tipos de poluição. Como se trabalhar de forma seccionada as poluições do ar, da terra e da água? Faz sentido? Assim como faz sentido estudar a industrialização de uma cidade sem estudar as consequências junto ao meio ambiente desta ocupação urbana, assim como seus reflexos na ocupação rural de seu entorno, focando o êxodo e a divisão e função das terras?

Antes de sair a campo, é pertinente ao educador ter consciência que não estará proporcionando apenas um passeio (inclusive, no caso de escolas particulares, este tipo de evento serve até como justificativa de que o profissional está fazendo algo diferente pelos seus educandos, ajudando a projetar-se dentro da instituição, garantindo sua vaga para o próximo ano), mas o ideal é que seja um trabalho complementar ao desenvolvido previamente em sala de aula e, ao seu término, seus educandos tenham a capacidade de absorver algo, nesse caso utilizando-se de uma consciência ecológica (tão exposta atualmente nos diversos meios de comunicação), e possam mudar algo em suas vidas, tornando-os hoje mais cidadãos em relação ao ontem.

Principalmente nos dias vividos atualmente, é interessante o trabalho de campo ser voltado à educação ambiental:

A educação ambiental se constitui numa forma abrangente de educação, que se propõe atingir todos os cidadãos, através de um processo pedagógico participativo permanente que procura incutir no educando uma consciência crítica sobre a problemática ambiental, compreendendo-se como crítica a capacidade de captar a gênese e a evolução de problemas ambientais. (AMBIENTEBRASIL, 200-).

Desta forma, trabalhando-se com o “modismo ambiental”, podem-se atingir resultados interessantes junto aos educandos, exatamente por este tema ter um impacto tão forte.

7.1 Iniciando a Abordagem do Conceito Paisagem

Pode-se utilizar o termo paisagem para diversos fins, existindo as paisagens nas artes gráficas, na arte dos jardins, na literatura, e também na Geografia, como cita Passos (1998).

A tarefa de colocar a paisagem como diferencial da sala de aula requer alguns cuidados, dentre eles, trazer a consciência do que se pode entender por “paisagem”.

Segundo Tur (2007), paisagem sendo o produto de uma ação cultural no espaço. É a sua expressão formal e física no território. Com seu olhar geográfico, mostra-nos a paisagem como reflexo (materialização) cultural do povo ocupante daquele espaço.

Neste sentido, pode-se tratar a paisagem, como sendo tudo aquilo que observamos; ela é fruto dos agentes endógenos e exógenos, atuando constantemente por milhares de anos.

Desde aproximadamente quatro bilhões e meio de anos, com o surgimento do Planeta Terra, este vem se transformando ao longo dos tempos. As forças endógenas são aquelas pertinentes às camadas internas de nosso planeta; as exógenas são as forças que atuam em nosso campo visível, onde o homem atua, ou seja, a crosta terrestre. Ao mesmo tempo em que temos as placas tectônicas trabalhando em baixo da crosta, temos Sol, chuvas, ventos, árvores, rios, o Homem, entre outros, atuando na parte visível de nosso planeta.

A paisagem encontrada hoje reflete uma “natureza totalmente domesticada” pela ação antrópica; esta citação encontra-se em Paula (2005), que também coloca que:

A natureza aparece como oposição à civilização. Essa visão de mundo foi sendo construída pelos europeus ao longo da história, [...], e, tanto na América como no Brasil, a relação estabelecida com a natureza foi de estranhamento, não de integração. (PAULA, 2005, p. 280).

O ser humano, de forma geral, sempre tratou mal seu meio, transformando-o nos últimos anos numa velocidade talvez inimaginável há poucas décadas.

Eis aí, então, um grande diferencial da sala de aula; enquanto os livros didáticos teorizam a construção da paisagem (sem destacar aqui o nível de propriedade com que eles trabalham), o educando em campo pode observar, utilizando-se de todos os seus sentidos, os resultados dos agentes postos anteriormente.

Indo-se além da Fenomenologia, onde se focaria apenas os níveis de percepção dos jovens, devem-se resgatar conceitos abordados em sala de aula, para que a apreensão por parte do educando seja maximizada.

7.2 Os Trabalhos de Campo como Complemento a Sala de Aula

Deixa-se claro que os trabalhos de campo, em hipótese alguma, devem ser utilizados como única fonte de ensinamento junto ao educando; seria uma utopia, fazendo-se aqui a apropriação dentro do senso comum para este conceito. A sala de aula é fundamental para que suscitem discussões, para que utilizem de outros recursos didáticos tais como, projetores, mapas, revistas, televisão, enfim, a sala de aula serve como o complemento para que o trabalho de campo seja potencializando (e vice e versa), proporcionando, assim, seu sucesso.

Além das dificuldades naturais para levar jovens ao campo, dificuldades estas relacionadas às responsabilidades da equipe pedagógica, bem como aos comportamentos disciplinares, onde, sabe-se, é tarefa das mais difíceis controlá-los em uma atividade extraclasse, tem também a questão de custos, pois estas saídas geram despesas extras, principalmente com transporte. Por estes motivos, as saídas devem ser muito bem planejadas, para que não se torne apenas simples passeios.

Aqui cabe a prática dos Professores fazerem com que seus educandos participem com mais intensidade destas aulas, sem que os mesmos tenham em mente, de forma mais evidente, que estão em uma aula propriamente dita.

7.3 Trabalhos Interdisciplinares – Testes e Resultados

A tabela 1 traz o resultado de algumas experiências relacionadas aos trabalhos de campo realizado junto ao ensino de base, onde se observam os seguintes temas, abordagens e resultados:

Tabela 1 – Trabalhos interdisciplinares, suas abordagens e resultados

Geografia com...	O que foi trabalhado	Como foi trabalhado	Resultados obtidos
História	Nascente de córrego nas proximidades do Campus da Universidade Estadual de Londrina (UEL), e seu histórico de ocupação.	Demonstrando aos educandos a vegetação testemunha de tempos pretéritos, bem como a atual ocupação da área, com a atuação dos agentes imobiliários invadindo as áreas de preservação ambiental.	O conceito de meio ambiente mais próximo dos jovens, bem como um olhar diferenciado a partir daquele momento, em relação às outras paisagens urbanas.
Ciências	Pesque pague.	Foi levado aos educandos a apropriação dos recursos naturais (lençol freático) como fonte de renda, bem como a introdução de espécies de peixes exóticas, em virtude das lavagens dos tanques, em rio próximo. Os sistemas internos dos peixes foram observados no momento de sua limpeza.	A observância no que se pode chamar de "globalização da alimentação", com a introdução de espécies onde, juntamente com a apropriação dos recursos naturais, traz lucros ao proprietário do empreendimento; a prática em relação aos sistemas internos dos peixes.
Informática	Sítios relacionados à Geografia	No laboratório de Informática fora trabalhado visitas guiadas a sítios de conteúdo geográfico, trazendo maior contato dos educandos das ferramentas disponíveis nos computadores.	Em destaque aqui o grande interesse demonstrado por parte dos jovens participantes deste trabalho, onde puderam ter contato com sítios de conteúdo didático e direcionado, com linguagem apropriada para a faixa etária trabalhada, bem como a demonstração de como se utilizar de alguns recursos menos conhecidos dos equipamentos.
Política	Cidadania	Em visita previamente agendada junto ao Prefeito do Município de Londrina, foi entregue um abaixo assinado solicitando a colocação de um ponto de ônibus coberto numa região da cidade onde o fluxo de pessoas que o utilizam é intenso.	Tanto aos Professores envolvidos no processo quanto aos educandos, os frutos aqui colhidos foram o da mobilização em prol de terceiros em escala social inferior, trazendo um sentido de cidadania e dever cumprido ao se deparar com a obra edificada.

A foto 1 demonstra parte de uma destas aulas, onde o educando, visitando o sítio do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, aprende determinado conteúdo, de forma lúdica, com jogo disponível e elaborado para esta faixa etária.



Foto 1 – Aula em laboratório de informática, associando as disciplinas de Geografia e Informática, buscando o aprendizado do aluno de forma lúdica, com jogos direcionados a este público no sítio do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Fonte: Acervo pessoal (2008).

Cada um destes trabalhos foram feitos dentro dos critérios que devem ser seguidos, desde seu planejamento no papel, como a preparação anterior do mesmo junto aos educandos e aos colegas Professores envolvidos no processo. Esta preparação que conta com um plano de aula, planejamento de investimentos e outros fatores relevantes para a avaliação a posteriore, é, com certeza, a chave do êxito ao seu final.

Vale ressaltar que as experiências descritas neste trabalho são vinculadas a escolas particulares até pelo fato da maior experiência deste neste segmento.

CAPÍTULO III

EMPREENDEDORISMO NO ENSINO SUPERIOR

Neste capítulo, focando a questão do Empreendedorismo no Ensino Superior, após ser apresentada, analisada e discutida a disciplina esta questão, lança-se mão da proposta de oferta desta disciplina específica, a fim de ser ofertada como optativa no curso de Geografia.

O motivo para tal proposta está embasado em observações feitas junto a acadêmicos que dispõem e de outros que não dispõem (ou fizeram uso) desta disciplina; aqueles que participam, aprenderam além dos conteúdos teóricos pertinentes à suas carreiras profissionais, a preparar seu próprio plano de negócios, fazendo as devidas projeções para viabilizarem seus objetivos no momento mais oportuno de suas vidas, além da melhor visão do mercado atual, e de suas possíveis tendências futuras.

1 A DISCIPLINA 4CIV110

Esta parte do trabalho lançará mão de uma metodologia pouco diferenciada, a fim de trazer melhores resultados para este capítulo. Além da metodologia aplicada até o momento, aqui se fez a participação como aluno da disciplina de Empreendedorismo (4CIV110) ofertada ao Departamento de Construção Civil da Universidade Estadual de Londrina (UEL).

Natural o primeiro pensamento a ir a mente seria o de que uma disciplina ofertada no Departamento de Construção Civil, a discentes do referido curso, por um engenheiro, estaria unicamente focado no ramo da construção civil. Trata-se aqui de, não meia verdade, mas apenas “um quarto” de verdade.

O foco principal da disciplina está em trazer situações problema para a sala a fim dos acadêmicos resolvê-los. Esta importância se vê em Dolabela (1999), onde:

O aluno pré-empresário precisa ser submetido a situações similares às que encontrará na prática. O processo de aprendizagem do empresário, na pequena empresa, é essencialmente baseado em ações. (DOLABELA, 1999, p. 115)

Demonstrando que a disciplina transcende a Engenharia, autores como Schumpeter (1961), Timmons e Spinelli (2007), Filion (1999), Dornelas (2001 e 2003) e Dolabela (2004 e 2006), entre outros, são apresentados como fonte de pesquisas.

Durante as aulas traz-se uma sociedade ansiando por pessoas com espírito empreendedor, não conformadas às mesmices do dia a dia, independente da suas funções dentro dela. Mostra-se a ainda grande motivação do empreendedor brasileiro sendo a necessidade (item 1.3), esta também fruto do desequilíbrio sócio-econômico ao qual nossa sociedade está submetida, e que não basta apenas ter uma ideia; deve-se executá-la e terminá-la, tomando as decisões nos momentos certos e, caso necessário, ser conservador, afinal, ser empreendedor não significa exatamente ser uma espécie de “suicida” capitalista.

Aos discentes é demonstrado um mundo onde as pessoas inovadoras são extremamente necessárias e disputadas, apesar de, em pouquíssimos manuais de regras das empresas observam-se oportunidades para estas pessoas; é algo mais ou menos assim: siga as regras (explícito), mas seja extremamente inovador e empreendedor (implícito).

Mostra-se ao discente que o mundo pós formado é bem diferente do que é encontrado quando ainda está no conforto acadêmico. O empreendedor também sofre e perde. O empreendedor deve ter a consciência de que tudo é um jogo, onde as peças devem ser movidas de forma (por vezes) até prudente e conservadora, a fim de que ao final logre-se o êxito almejado.

Por outro lado, não basta que exista a motivação para empreender. É necessário que o empreendedor esteja preparado para isso, ou seja, que conheça formas de análise do negócio, do mercado e de si mesmo para perseguir o sucesso com passos firmes e saber colocar a sorte a seu favor. (DOLABELA, 1999, p. 33)

Na disciplina 4CIV110 é colocada a questão da não existência do “empreendedor social”; algo relativo pelos meios de comunicação como extremamente humano, nada mais é do que pessoas que ganham dinheiro na execução destas tais práticas sociais.

Para esclarecer um pouco mais que a disciplina cursada não tem como objetivo central (apenas) a produção de mão de obra qualificada para o mercado, é trazido a conhecimento dos discentes, maioria futuros engenheiros civis,

as oportunidades a aparecer no ramo da construção civil com os eventos esportivos a acontecerem no Brasil nos Próximos anos, tais como Copa do Mundo de Futebol, em 2014; e as Olimpíadas, em 2016; além das oportunidades surgidas com o Programa de Aceleração do Crescimento desenvolvido pelo Governo Federal (PAC), contemplando a construção de residências à população de baixa renda, por todo o território brasileiro.

A “síndrome do empregado” – útil no paradigma econômico que se esgotou; nociva para as atuais relações de trabalho – é consequência tanto de uma cultura como de um sistema de ensino que forma pessoas com ênfase exclusiva na tecnologia, mas sem a preocupação em encontrar formas novas para sua aplicação, sem a capacidade de ler o mercado e dar-lhe um significado que permita sua inserção profissional. (DOLABELA, 1999, p. 58)

A proposta em relação a estas oportunidades está não apenas em tornar um funcionário de alguma empresa, mas, sim, abrir seu próprio negócio aproveitando os bilhões de Reais a serem investidos pelas iniciativas público e privadas nestes eventos.

1.1 A Importância da Disciplina 4civ110 e sua Influência para com Este Trabalho

A participação na disciplina de Empreendedorismo ofertada ao curso de Engenharia na Universidade Estadual de Londrina (UEL) foi fundamental no tocante a ideia de se ofertar uma disciplina como esta ao curso de Geografia, inclusive, ideia esta ainda não presente no estágio inicial deste trabalho.

Entender a importância em se dedicar um olhar holístico sobre o mercado, saber vislumbrar oportunidades futuras, melhorar o comportamento profissional potencializando as oportunidades vindouras na carreira profissional, compreender o funcionamento da engrenagens que movem a sociedade, faz com que este profissional tenha maiores chances de lograr êxito em relação aos demais que não dispõem de tais conhecimentos.

Trazendo para a Geografia, além da motivação e orientação pessoal que a disciplina traz, algumas referências literárias no segmento de

Empreendedorismo tais como Dolabela (1999 e 2006) e Dornelas (2001), por exemplo, auxiliam na busca de um direcionamento maior das ações no mercado de trabalho. Aliar estes conhecimentos aos conhecimentos já trazidos pelos acadêmicos – do quarto ano (último da Licenciatura) e do quinto (último do bacharelado) – nas áreas de Geografia, Psicologia e Educação, entre outros, farão com que os elos que relacionam estas áreas sejam mais fortes e evidentes.

1.2 O Material Mais Importante da Disciplina: o Humano

Em relação ao material didático para a execução desta disciplina, não se pode abrir mão da leitura de textos, análises mercadológicas na forma de pesquisas e entrevistas, *data show* em sala de aula com exposições criativas e agradáveis, porém, o material mais importante a ser trabalhado aqui é o seu público participante. Saber proporcionar ações para aumentar o desejo do acadêmico em aprimorar sua visão de mercado e seu conhecimento na prática sobre a área, deve ser o foco dos encontros em sala.

Em contraponto ao curso de Empreendedorismo ofertado ao Departamento de Construção Civil, neste caso não se faria como avaliação final a abertura de uma empresa fictícia, pelo fato deste não ser aqui o foco central. Caso alguns dos participantes apresentem esta vontade, neste caso específico, o mesmo será encaminhado ao Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), onde estes obterão consultoria mais qualificada.

2 PROPOSTA DE UMA DISCIPLINA DE EMPREENDEDORISMO PARA CURSOS DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL EM GEOGRAFIA

Propor uma disciplina de Empreendedorismo voltada aos acadêmicos de Geografia focando a Licenciatura, porém, sem negligenciar o Bacharelado, foi uma das necessidades observadas durante a confecção deste trabalho.

Trazer ao acadêmico maior heterogeneidade ao processo de sua formação profissional, enriquecendo-o, é uma necessidade explicitada, por exemplo, em Marguerite (2003), onde se observa:

Na formação de Professores, há menos estranhos em casa. A esmagadora maioria dos que formam os Professores ainda provém do mundo dos Professores. Ensinaram, ou ainda ensinam, em escola, em colégio ou em liceu (essas denominações referem-se ao sistema educacional francês), dividindo-se entre seu estabelecimento de ensino e suas funções de formadores. (MARGUERITE, 2003, p. 10).

Ofertar ao futuro Professor de Geografia a disciplina de Empreendedorismo é trazer ao mesmo mais elementos “estranhos” à sua casa.

Esta é a oportunidade de trabalhar junto a eles questões extraclasse, além de questões mercadológicas. Trazer materiais didáticos de áreas exóticas à Geografia, porém, dentro da área empreendedora, trazê-los noções do mercado de consultoria ambiental, focando aos futuros bacharéis, ou noções de ambientes escolares tanto privadas quanto do Estado, em diversos níveis de atuação, aos interessados na licenciatura, são atitudes em que o futuro profissional da área poderá ter maior contato, proporcionando futuras pesquisas, deixando-o mais apto em relação a outros que não tiveram a mesma sorte, ou, como se costuma dizer na linguagem empreendedora, oportunidade.

Aplicando a disciplina de Empreendedorismo no Departamento de Geociências, trará benefícios não só aos acadêmicos, como, também, aos Professores interessados ou participantes de uma forma mais direta deste projeto, como nos traz Margueritte (2003).

A profissionalização é um processo que supõe a adesão e o envolvimento ativo dos atores implicados. [...]
Se está em curso, a profissionalização dos formadores – no sentido de construção individual de novas competências, de desenvolvimento profissional específico – não implicaria também um processo de aprendizagem organizacional coletiva (nas instituições de formação) e uma dinâmica identitária coletiva do conjunto dos formadores de Professores, uma socialização profissional, o desenvolvimento do grupo social profissional dos formadores de Professores? (MARGUERITE, 2003, p. 15)

Por meio destas palavras supra citadas, expõe-se que a implantação de uma disciplina de Empreendedorismo não traria somente uma evolução aos acadêmicos como, também, e, principalmente, aos formadores de novos Professores envolvidos no processo.

No momento em que se depara com assuntos “novos”, há uma maior tendência em sair-se da zona de conforto, gerando, desta feita, um movimento em espiral ascendente, proporcionando aos participantes, uma visão mais holística e atualizada do seu mercado de atuação, tendo em vista que a disciplina de Empreendedorismo deve ser atualizada a cada vez que for aplicada, pois, ao contrário de algumas outras disciplinas, esta é altamente dinâmica, envolvendo um grande conhecimento atualizado para sua aplicabilidade ser potencializada, logrando-se o êxito desejado pelos participantes.

Sobre este processo de ensino, Libâneo (1994) traz:

O processo de ensino se caracteriza pela combinação de atividades do Professor e dos alunos. Estes, pelo estudo das matérias, sob a direção do Professor, vão atingindo progressivamente o desenvolvimento de suas capacidades mentais. (LIBÂNEO, 1994, p. 149)

Gera-se, desta feita, um maior crescimento a cada momento em que se busca o aprimoramento pessoal e profissional.

Em virtude de ser uma disciplina a trabalhar situações atuais, tanto em escolas quanto em outros mercados, é necessário que o material didático a ser utilizado transcenda também ao cotidiano, indo além das leituras e fichamentos de texto, fazendo com que o acadêmico concentre sua energia e tempo na descoberta, na pesquisa de campo, mesmo sendo esta feita de forma informal, ou seja, fora do expediente acadêmico, em uma visita a uma empresa de consultoria ambiental, ou a alguma escola.

Recursos como *data show*, bem como a utilização de *note books* em sala são indispensáveis, até para que o acadêmico tenha maior contato com estes equipamentos, e saiba utilizá-los de uma maneira mais natural em seu dia a dia profissional, porém, tendo-se o devido cuidado para se utilizar destes meios com competência, com nos traz Cysneiros (1999), ao comentar sobre as chamadas “inovações conservadoras”:

Atualmente a inovação conservadora mais interessante é o uso de programas de projeção de telas de computadores, notadamente o *Power Point®*, com o qual o espetáculo visual (e auditivo) pode tornar-se um elemento de divagação [...] mostrando [...] imagens que podem ter pouco sentido para a maioria de um grupo de aprendizes. (CYSNEIROS, 1999, p. 16).

O mercado hoje exige pessoas mais qualificadas e, estas ao saírem da faculdade, estarão apenas com sua graduação concluída. Aqui também entra a finalidade da disciplina proposta, onde já vai colocar no mercado um recém formado com noções mercadológicas (ao menos) básicas, e estas proporcionarão a oportunidade de melhorar seus desempenhos diante de situações problemas.

Ser qualificado é ter vencido a prova pela qual a sociedade assegura-se, em um dado momento e *in abstracto*, que um indivíduo possui os saberes e as habilidades codificados para ocupar um posto ou assumir uma função (MARGUERITE, 2003, p. 222).

E, como se trata de uma disciplina com foco no ser empreendedor, a avaliação deve ser também de forma diferenciada do sistema tradicional, a fim de proporcionar aos acadêmicos a oportunidade de argumentar seu ponto de vista em tempo real de correção do Professor, ou seja, o aluno, ao explicitar suas observações, poderá argumentar junto ao Professor em que está embasado, estando aberto ao diálogo construtivo. Sobre avaliação, Perrenoud (1999), nos traz:

A avaliação tradicional, não satisfeita em criar fracasso, empobrece as aprendizagens e induz, nos Professores, didáticas conservadoras e, nos alunos, estratégias utilitaristas. A avaliação formativa participa da renovação global da pedagogia, [...] o Professor se torna o criador de situações de aprendizagem [...]. (PERRENOUD, 1999, p. 18).

Com estas atitudes, mais o empenho dos envolvidos no processo, presta-se neste trabalho a sugestão da disciplina de Empreendedorismo para a Geografia (Anexo 4), fazendo com que nossos acadêmicos estejam, já no primeiro momento pós faculdade, mais aptos que seus concorrentes diretos, além de possuírem também conhecimentos agregados suficientes para se reciclarem com menores dificuldades durante suas carreiras profissionais.

2.1 Objetivos da Disciplina

Como tratado anteriormente neste trabalho, o objetivo central desta disciplina proposta não é exatamente a abertura de um estabelecimento de ensino nem uma empresa, porém, em momento algum estas possibilidades seriam descartadas. Caso algum acadêmico suscite este desejo, o mesmo será encaminhado à órgãos mais específicos para orientação ao mesmo, com, já mencionado, o SEBRAE.

O objetivo central desta disciplina é de proporcionar aos acadêmicos seus futuros mercados de trabalho, através de pontos de vista ainda não contemplados em estágios e pesquisas realizados anteriormente; seus pontos positivos e negativos, as projeções a curto, médio e longo prazos para o mercado, o cotidiano destas escolas públicas e/ou privadas além das empresas de consultoria ambiental em suas relações internas (funcionários) e externas (clientes).

Para se atingir tais objetivos far-se-á uso de convidados externos em visitas pré-agendadas logo no início das atividades para se evitar imprevistos com o planejamento. Estes trariam aos acadêmicos suas relações diárias em forma de palestra em sala, ou, dentro das possibilidades de agenda, com visita(s) em loco, ou seja, nas escolas ou empresas parceiras deste processo.

Certamente a realização dos trabalhos de campo auxiliariam numa melhor apreensão por parte dos acadêmicos, porém, sabe-se a dificuldade em suas realizações, o que inviabilizaria disponibilizá-los logo neste primeiro momento, dando-os como certos.

2.2 Detalhamento dos Encontros Propostos

Para melhor detalhamento dos encontros propostos na disciplina (Anexo 4), faz-se aqui o uso das próximas linhas:

No primeiro encontro, como de praxe, faz-se a apresentação dos acadêmicos e do Professor, onde os mesmo exporão seus objetivos pessoais, bem como que ideia realmente fazem do curso, e como ele poderá ajudá-los. Logo após

já se inicia uma discussão onde a questão o “ser empreendedor” se colocará aos alunos, bem que ainda de forma superficial pelo fato de presumir que os mesmos ainda não dispõem de conhecimentos suficientes ainda para aprofundamento no assunto. Ao final solicitar-se-á leituras para o próximo encontro.

No segundo encontro, discutindo a epistemologia do conceito empreendedorismo, trar-se-á o acadêmico a reflexões das diversas interpretações encontradas para o conceito, e suas aplicações nos dias de hoje. A partir deste encontro já se derrubará o paradigma de que empreendedorismo é algo voltado apenas para empresários de sucesso e seus herdeiros.

Os três próximos encontros trarão aos acadêmicos a posição do Brasil em relação a demais países do mundo no tocante a Empreendedorismo, fazendo-se uso do Relatório (anual) GEM, inclusive sendo utilizado para a confecção deste trabalho. O fato em utilizar um documento atualizado anualmente, faz com que a disciplina também se atualize, proporcionando aulas diferenciadas a todo ano. Também durante estes encontros estar-se-ão sendo trabalhados alguns conceitos pertinentes à área de Empreendedorismo, além de trabalhar também com exemplos de empreendedores bem sucedidos (de preferência em áreas afins da Geografia, a fim de aumentar o estímulo do público).

A partir do sexto encontro, a área de educação passa a ser contemplada, servindo como complemento à disciplina 6EST302 (Didática da Geografia e Estágio Supervisionado) – a qual ministro temporariamente neste ano corrente de 2010. Portanto, no sexto e sétimo encontros, serão discutidos semelhanças e diferenças nos planejamentos e convívio em escolas públicas e/ou privadas, buscando sugestões de ferramentas que possibilitem o Professor empreendedor ter maior influência e sucesso nestas áreas.

Os encontros oito, nove e dez, estarão reservados para encontros com convidados externos, tais como Professores e diretores, podendo ser em loco, na forma de trabalho de campo, ou em sala, na forma de palestras. Novamente se destaca aqui a importância dos trabalhos de campo, porém, para a execução destes diversos fatores deverão ser analisados, podendo serem decididos durante o decorrer da disciplina, ou logo de seu início; aqui abre-se mão de fazer uma programação tão antecipada, evitando, desta feita, a mudança para pior do planejamento original, durante o período letivo.

Com estes contatos, os acadêmicos poderão ter uma ideia mais ampla do que a observada em estágios, de como é o dia a dia dos ambientes de trabalho.

Os encontros onze e doze focarão temas relacionados ao bacharelado, onde a discussão de conceitos relacionados à área de Consultor Ambiental serão focados de forma mais aguda. Assim como os futuros Professores, os futuros consultores ou pesquisadores também terão contato com profissional (is) da área, a fim de produzir um maior conhecimento para estes igualmente.

O décimo terceiro encontro, o último onde se utilizará de referências teóricas, o *marketing* pessoal estará em evidência. A ideia aqui é de levar aos acadêmicos a importância deste conceito, e como ele, desde que bem aplicado, ajuda a “abrir as portas” do mercado de trabalho.

Os encontros quatorze e quinze serão reservados para discussões (debates) entre os acadêmicos, onde os mesmos apresentarão relatórios claros e objetivos, em que a disciplina os ajudou, bem como pretendem aplicar o apreendido nos encontros.

Portanto, desta feita, fica aqui melhor apresentada a proposta da “Disciplina de Empreendedorismo Voltado à Geografia”, a ser ministrada em duas aulas (blocadas) semanais, pelo período de um semestre, e ofertada, preferencialmente, aos quarto e quinto anos de Geografia.

Fica também aqui registrado, que estes encontros não foram elaborados de uma forma cristalizada, mesmo que em se tratando de uma disciplina de Empreendedorismo este já seria o primeiro erro, podendo então, a cada ano, os temas dos encontros serem alterados, bem como, quem sabe, dobrar a carga horária desta disciplina, aumentando o horizonte a ser disponibilizado aos acadêmicos da Universidade Estadual de Londrina (UEL).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve por objetivo procurar a saída do conceito Empreendedorismo aplicado nas salas de aula hoje, trazendo-lhe maior suporte teórico, e, por consequência, credibilidade.

O foco aqui é proporcionar ao Professor, em especial o de Geografia, ferramentas para levar à sua aula maior dinamismo e participação dos educandos em seus diversos níveis, a fim de tornar nossa disciplina mais prazerosa, maximizando os resultados ao final do processo.

Buscar a maneira em se trabalhar com e tal conceito de acordo com a faixa etária talvez tenha sido um dos maiores desafios aqui expostos, em virtude de se navegar por mares onde não se trabalha diretamente na academia.

Buscar literaturas nas áreas de psicologia e ensino sempre traz certo perigo, pois se tratam de temas extremamente complexos, e com incontáveis variáveis de teorias e outros; na verdade aqui se buscou a linha de pensamento utilizada na formação dos Professores da Rede Estadual de Ensino do Paraná, bem como literaturas contempladas durante a formação acadêmica em licenciatura.

Outro desafio, sem sombra de dúvida, é de desmistificar o conceito Empreendedorismo das áreas mais voltadas à Economia, tendo em vista que, dentro do que se trabalhou, ser empreendedor é mais uma questão de conduta pessoal, a mesma podendo estar voltada para diversas áreas de nossas vidas. Esta ideia a cada momento em que se passou, ficava cada vez mais latente, principalmente dentro dos eventos participados e das literaturas estudadas e já relatadas neste, devido aos exemplos de pessoas vencedoras na vida, mesmo que sem uma recompensa financeira direta para tal. Incentivar a pessoa em fazer aquilo em que é melhor, dando sua contribuição direta à sociedade por si mesmo já é uma recompensa à pessoa de espírito empreendedor.

É lógico que para se explicitar melhor os conceitos pertinentes ao tema, teve que se abrir mão de materiais também voltados à Economia, caso do Relatório GEM (2008), editado anualmente no Brasil pelo SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas). Tal literatura traz-nos, além de conceitos afins, a situação do empreendedor brasileiro em relação aos demais países participantes da pesquisa. Tais números são importantes inclusive para

demonstrar tanto aos alunos quanto aos Professores que os mercados apresentam oportunidades infinitas, porém, devem-se tomar decisões embasadas em estudos rigorosos a fim de não “ficar pelo caminho”.

A aplicabilidade do conceito Empreendedorismo voltado ao Professor de Geografia, pode ser observado na tabela confeccionada também para este trabalho, onde traz algumas informações de resultados empíricos trabalhados por mim junto aos educandos do Ensino Fundamental II. Tratam-se de resultados interessantes, onde se pode observar uma maior interação por parte dos jovens, bem como uma maior facilidade em se trabalhar em ambiente exótico. Relembrando que não se trata apenas de sair do ambiente de sala de aula, mas, fazê-lo com um bom planejamento.

Aqui novamente se registra a preocupação em proporcionar aos Professores do Ensino de Base a necessidade em se trabalhar com uma conduta empreendedora, desprovido de preconceitos de turma ou educandos, munido teoricamente a fim de se escapar de forma consciente do senso comum, a fim de que todos envolvidos no processo possam sair em vantagem, seja o Professor na manutenção ou obtenção de melhores trabalhos, sejam os educandos a fim de lhes suscitar cada vez mais um desejo maior em conhecer e se aprofundar em nossa disciplina, a Geografia.

A recomendação em se ler obras voltadas à área de Empreendedorismo auxiliará o profissional neste ganho. Dolabela (2004), por exemplo, em seu livro “A ponte mágica”, traz um universo bem interessante e de fácil compreensão por parte do Professor, no ímpeto de ajudá-lo a compreender o universo dos jovens sobre o tema, bem como eles, mesmo inconscientemente, assumem posturas empreendedoras.

A ação docente sempre deve ser bem direcionada, independente de qual a área em que atue, a fim de proporcionar jovens participantes; agentes conscientes das transformações do planeta, começando exatamente pelas suas vidas.

Uma outra forma de busca de aparato teórico para a confecção deste trabalho, foi a participação da disciplina de Empreendedorismo ofertada ao Departamento de Construção Civil na Universidade Estadual de Londrina (UEL), onde o Professor, um Engenheiro e Consultor do SEBRAE, traz aos seus acadêmicos as inúmeras oportunidades que estes terão ao sair da academia (a

disciplina é ofertada ao quinto e último ano), principalmente nesta década, onde teremos aqui no Brasil Olimpíadas em 2016; Copa do Mundo em 2010; e, o já existente PAC (Programa de Aceleração do Crescimento), desenvolvido pelo Governo Federal, envolvendo diversos tipos de construções, inclusive a de residências de baixo custo que, segundo nosso Professor, são as que mais dão lucro.

E, exatamente durante a participação como aluno convidado desta disciplina, veio-me a ideia em se desenvolver uma disciplina deste porte, a ser ofertada aos últimos anos de licenciatura e bacharelado de Geografia. Proporcionar ao futuro profissional um contato, mesmo que apenas de forma introdutória, pode levá-lo a desenvolver melhores estratégias no “pós academia”, majorando suas chances de sucesso.

Dar um primeiro passo apresentando tanto escolas quanto escritórios de Consultoria Ambiental aos acadêmicos, é uma forma em se dar um primeiro passo fora da Universidade. A partir deste primeiro contato, os mesmos já poderão desenvolver sua rede de contatos, independente de qual área (pesquisa ou ensino) vão seguir, uma vez que estes terão ferramentas suficientes disponíveis para tal.

A sugestão desta disciplina é ofertá-la como disciplina especial, semestral e com dois encontros semanais (duas aulas seguidas). Após as primeiras turmas saírem da academia munidas com as dicas e orientações disponibilizadas aqui, serão tabulados os resultados, a fim de se ampliar o número de encontros, podendo, desta feita, também observar seu pontos a serem melhor trabalhados e fazê-lo com maior perfeição.

Assim, portanto, aqui se tem um trabalho que busca desde a epistemologia do conceito Empreendedorismo, de como se trabalhar com ele nas diversas faixas etárias (a partir de que momento e até quando), buscando em números justificativas para sua aplicabilidade, a fim de se mudar para melhor a conduta empreendedora do povo brasileiro de forma geral, a começar pelas escolas, fornecendo ao Professor orientações embasadas em experiências bem sucedidas no Ensino de Base, e, finalmente, se justificando a eminente necessidade em se proporcionar ao acadêmico, preferencialmente o de Geografia, noções externas ao seu futuro mercado de trabalho, sendo observado por um prisma diferenciado daquele utilizado para os estágios realizados em sala de aula, trazendo a visão dos

Coordenadores ou empresários do ramo, a fim de também torná-los agentes formadores de agentes críticos e empreendedores dentro da sociedade brasileira.

They were happy forever...

REFERÊNCIAS

AMBIENTEBRASIL. **Educação Ambiental**. Disponível em: <<http://www.ambientebrasil.com.br/composer.php3?base=./educacao/index.php3&conteudo=./educacao/educacao.html#topo>>. Acesso em: 4 maio 2009.

ARAÚJO, D. **Olhar em direção aos cursos técnicos**. Disponível em: <<http://portal.rpc.com.br/gazetadopovo/blog/namira/?id=907747>>. Acesso em: 8 jan. 2010.

ARAÚJO, J. C. S. Do quadro-negro à lousa virtual: técnica, tecnologia e tecnicismo. In: VEIGA, I. P. A. (org.). **Técnicas de ensino: novos tempos, novas configurações**. Campinas: Papyrus, 2006. p. 13-48.

MATEUS. **Bíblia sagrada: nova tradução na linguagem de hoje**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2005.

BRASIL. Decreto lei nº 11.769 de 18 de agosto de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação, para dispor sobre a obrigatoriedade do ensino da música na educação básica. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11769.htm>. Acesso em: 8 jan. 2009.

CALDEIRA, U. **A Aula de Empreendedorismo**. Londrina, mar. 2009. Curso proferido em no Colégio Londrinense.

_____. **Empreendedorismo: 9º ano: ensino fundamental, 1**. São Paulo: Anglo, 2008.

CAMPOS, C. M. de. **Saberes docentes e autonomia dos Professores**. Petrópolis: Vozes, 2007.

CHARLOT, B. Formação de professores: a pesquisa e a política educacional. In: PIMENTA, S; GHEDIN, E. (org.). **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito**. São Paulo: Cortez, 2005. p. 89-108.

CHÉR, R. **Empreendedorismo na veia: um aprendizado constante**. Rio de Janeiro: Elsevier: SEBRAE, 2008.

CYSNEIROS, P. G. Novas tecnologias na sala de aula: Melhoria do ensino ou inovação conservadora? **Informática Educativa** – Uniandes – LIDIE, Colômbia, v. 12, n. 1, p. 11-24, 1999.

DIAS, F. **O sintoma na aprendizagem da Matemática**. Disponível em: <<http://www4.fapa.com.br/monographia/artigos/3edicao/FERNANDADIAS.pdf>>. Acesso em: 1 dez. 2008.

DIMENSTAIN, G. **Garoto supera dificuldades e lança livro**. Disponível em: <<http://aprendiz.uol.com.br/content/brofrecres.mmp>>. Acesso em: 7 set. 2009.

DOLABELA, F. **O Segredo de Luísa**. São Paulo: Editora de Cultura, 2006.

_____. **A ponte mágica: como Luísa, aos 11 anos, cria sua primeira empresa para realizar seu sonho**. São Paulo: Mirian Paglia Editora de Cultura, 2004.

_____. **Oficina do empreendedor**. São Paulo: Cultura Editores Associados, 1999.

DORNELAS, J. C. A. **Plano de Negócios**. Disponível em: <<http://www.planodenegocios.com.br>>. Acesso em set. 2009.

_____. **Empreendedorismo: transformando ideias em negócios**. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 2001.

GRECO et al., Silmara Maria de Souza Silveira. **Empreendedorismo no Brasil**: 2008. Curitiba: IBPQ, 2009.

FALCÃO, G. M. **Psicologia da Aprendizagem**. São Paulo: Ática, 1986;

FILION, L. J. Empreendedores e proprietários de pequenos negócios. **Revista USP. Revista da Administração**, São Paulo, 1999;

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 29. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

HISRICH, R. D. **Empreendedorismo**. Robert D. Hisrich, Michael P. Peters, Dean A. Shepherd: tradução Tereza Félix de Souza. 7. ed. Porto Alegre: Bookman, 2009.

LA TAILLE, Y. Autoridade na escola. In: AQUINO, J. (org.). **Autoridade e autonomia na escola**. São Paulo: Summus, 1999. p. 9-30.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

LONGHI, M. **Educação Líquida**: sobre a crise de identidade e de referências. Curitiba: Vicentina, 2006.

_____. **ETHOS no Ensino Religioso**. Curitiba: Vicentina, 2005.

LUKAVY, M. Mais de cinco mil crianças são beneficiadas com a merenda escolar. **Hoje Centro Sul**. Disponível em: <[http://64.233.163.132/search?q=cache:a0dvEnA_CQsJ:www.hojecentrosul.com.br/hoje/especial/mais-cinco-mil-crian-s-beneficiadas-merenda-escolar+"somentepara+comer+a+merenda+escolar"&cd=8&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br](http://64.233.163.132/search?q=cache:a0dvEnA_CQsJ:www.hojecentrosul.com.br/hoje/especial/mais-cinco-mil-crian-s-beneficiadas-merenda-escolar+)>. Acesso em: 8 jan. 2010.

MARGUERITE, A.; LÉOPOLD, P.; PHILLIPE P et al. **A profissionalização dos formadores de Professores**. Tradução: Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2003.

PASSOS M. M. dos. **Biogeografia e Paisagem**. Presidente Prudente: UNESP, 1988.

PAULA, Z. C. de. A Relação Antagonista entre Homem e Natureza no Processo de Colonização / (Re) Ocupação do Norte Paranaense. In: ARRUDA, G. (org.) **Natureza, Fronteiras e Territórios**. Londrina: EDUEL, 2005, p. 279 – 312.

PERRENOUD, P. **Avaliação**: da excelência à regulação das aprendizagens – entre duas lógicas. Tradução: Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

PIAGET, J.; GRÉCO, P. **Etudes d'Epistémologie Génétique**. Tradução: Equipe da Livraria Freitas Bastos. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1974.

PIAGET, J. **La Formation Du Simbole chez l'efant Imitation, Jeu et Rêve Image et Représentation**. Tradução: Álvaro Cabral e Christiano Monteiro Oiticica. Rio de Janeiro: LTC, 1990.

PIRES, E. O.; OLIVEIRA, G. V.; SALVI, R. F. Tendências do Pensamento Geográfico e Ensino. In: MARANDOLA JR., E.; FUSCALDO, W. C.; FERREIRA, Y. N. (org.) **Geografia, Ciência e Filosofia**. Londrina: Edições Humanidades, 2002. p. 23 – 24.

POMBO, O. Teoria do Desenvolvimento. In. Seminário Temático 2002: **Piaget, o número e a criança**. 2002. Lisboa, Portugal. Disponível em: <<http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/seminario/piaget/desenvolvi.htm>>. Acesso em: 1 dez. 2008.

ROTUNNO, A. **Educação Ambiental**: um ensaio de trabalho de campo com jovens. 2007. TCC (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2007.

SEBRAE. **Sebrae Lança Encomenda de Projetos de apoio à gestão das Indicações Geográficas Registradas**. Disponível em: <http://www.sebrae.com.br/customizado/inovacao/sil-sebrae-lanca-encomenda-de-projetos-de-apoio-a-gestao/Informe_4413/integra_informe>. Acesso em: 19 jun. 2010.

SOUZA, D. C. **Cartografia da educação ambiental nas Pós-graduações Strico Senu brasileiras (2003-2007)**: Com ênfase na pesquisa das áreas de Educação e Ensino de Ciências sobre a formação de Professores. 2010. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Educação Matemática) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2010.

SCHUMPETER, J. A. **Capitalismo, socialismo e democracia**. Traduzido por Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961.

SINTRACOOOP. **Professores de escolas estaduais dizem que a ordem é aprovar**. Disponível em: <<http://www.sintracoop.com.br/?p=4410>>. Acesso em: 8 jan. 2010.

STAUB, A. L. P. **Teorias de aprendizagem**. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/tramse/med/textos/2004_08_04_tex.htm>. Acesso em: 1 dez. 2008.

TARDIN, V. **Ele destrói a ordem econômica existente e constrói outra**. Disponível em: <<http://empretec.sebrae.com.br/2009/07/08/ele-destroi-a-ordem-economica-existente-e-constroi-outra/>>. Acesso em: 17 dez. 2009.

TIMMONS J.; SPINELLI, S. **New venture creation**: Entrepreneurship for the 21 st century. Boston: McGraw Hill, 2007.

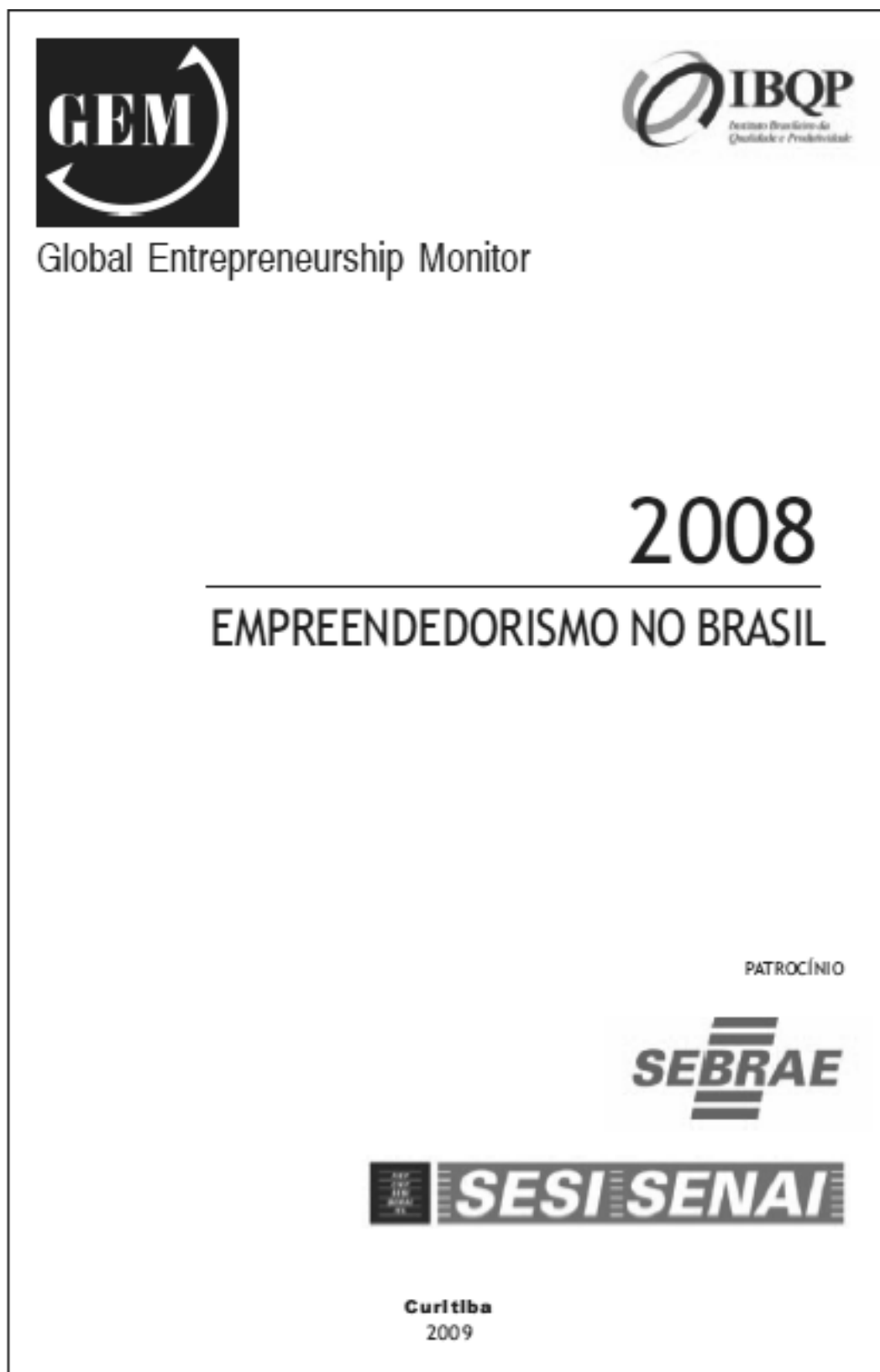
TUR, A. J. A. **Turismo e desaparecimento das paisagens rurais na Espanha.** Palestra proferida em 23 out. 2007 na Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

UNILEVER. **A descoberta do brincar.** UNILEVER, 2007. Disponível em: <<http://www.omo.com.br/brincar/pesquisa/anterior.aspx>>. Acesso em: 11 abr. 2009.

VENDRAME, J. Jr. **Jovem poeta do jardim Santa Fé conquista vaga na UEL.** Disponível em: <<http://www.londrix.com/noticias.php?id=43497>>. Acesso em: 12 jan. 2010.

ANEXOS

ANEXO A – Capa e agradecimentos do relatório GEM 2008.



Agradecimentos

O projeto Global Entrepreneurship Monitor (GEM) no Brasil completou em 2008 nove anos de edição ininterrupta, constituindo-se em um valioso acervo de informações que revelam detalhes sobre o comportamento do empreendedor brasileiro. Com dados estatísticos comparados com mais de 60 países participantes do projeto, a pesquisa contempla informações que avaliam o processo de abertura de um empreendimento e suas características, gerando índices que revelam tendências econômicas e sociais que podem ser determinantes para tomadas de decisões.

A pesquisa GEM é referência internacional, já tendo influenciado conceitos sobre empreendedorismo no Brasil e no mundo. Derrubou mitos em relação ao empreendedorismo e se tornou um balizador presente em qualquer evento, pois é ponto de partida em discursos sobre o tema em praticamente todos os segmentos socioeconômicos.

A pesquisa hoje possibilita a derivação de estudos temáticos mais profundos, inclusive no âmbito municipal, o que permite uma análise local, bem como, e isto é o mais importante, propostas de ações mais próximas do empreendedor. A participação dos municípios no GEM já é uma realidade em nível internacional, porém, no Brasil, isso ainda não é possível, pois esse aprofundamento da pesquisa requer maiores investimentos financeiros. Ou seja, é preciso ampliar o número de parceiros “empreendedores” no projeto, o que certamente vai acontecer, pois a campanha Semana Global do Empreendedorismo, realizada em novembro de 2008, mostrou que tanto os cidadãos como as instituições brasileiras estão cada vez mais interessadas em obter e gerar mais informações sobre o tema, visando adotar ações concretas. A cada ano, o empreendedorismo ganha mais espaço na mídia, a qual, por sua vez, também necessita obter informações cada vez mais detalhadas.

O Instituto Brasileiro da Qualidade e Produtividade (IBQP), como instituição executora do Projeto GEM Brasil, tem envidado esforços para que a pesquisa ganhe maior reconhecimento de organizações públicas e privadas e vem recebendo apoios crescentes. Estão envolvidos no projeto o Sebrae Nacional, principal promotor da pesquisa; o Sesi/PR, o Senai/PR e a Universidade Positivo, como parceria técnica; os profissionais participantes das análises técnicas, a equipe técnica do Programa de Empreendedorismo do IBQP e os cidadãos brasileiros, que anualmente recebem

os pesquisadores e fornecem as informações que norteiam os rumos do empreendedorismo no país. A todos, o nosso especial agradecimento, principalmente aos empreendedores, por não desistirem do desafio que é abrir e manter um novo negócio.

O IBQP se orgulha de participar de um projeto social tão importante e de poder contar com a parceria dessas instituições, sem as quais o Brasil não estaria presente no cenário internacional como país que vem se destacando por apresentar grande potencial empreendedor. A última pesquisa do GEM revelou um dado interessante: o aumento de empreendedores jovens, fato que deve estimular análises mais criteriosas e que também alerta para novos direcionamentos de políticas e programas. Por outro lado, observa-se uma redução na taxa de empreendedores de meiaidade. Esse grupo, na faixa etária dos 55 aos 64 anos, merece o olhar dos formuladores de políticas públicas por se tratar de uma população em geral já aposentada, mas ainda em plenas condições produtivas, com maturidade e experiência que podem contribuir para o desenvolvimento de novas empresas, inclusive empreendimentos de maior valor agregado e com grande potencial de geração de riqueza e trabalho.

Da mesma forma, a pesquisa sobre o empreendedorismo no Brasil certamente ainda vai revelar dados e informações e estimular ações concretas a ponto de influenciar até mesmo os rumos da cultura empreendedora do país, com forte poder de transformação da sociedade como um todo.

Carlos Artur Kruger Passos
Diretor-Presidente do IBQP

ANEXO B – Capa e índice da pesquisa “A descoberta do brincar”, realizada pelo Grupo Unilever.



The index page has a white background with a pink horizontal bar at the top and a brown vertical bar on the left. The word "índice" is written vertically in white on the brown bar. The title "A Pesquisa" is in red. Below it is a list of sections with their page numbers. A large pink starburst graphic is on the right, and a smaller green one is at the bottom left. The number "1" is in the bottom left corner.

índice	
	A Pesquisa
	02 – Metodologias e Processos.
	04 – Conceituação – O que é brincar?
	06 – Tempo – Quanto as crianças brincam?
	07 – Espaço – Onde as crianças brincam?
	09 – Companhia – Com quem as crianças brincam?
	11 – Brincadeiras – Do que as crianças brincam?
	16 – Benefícios – Por que as crianças brincam?
	18 – Conclusões.
1	

ANEXO C – Planejamento semanal utilizado pelo Departamento de Ciências Humanas e suas Tecnologias (CCHT), do Colégio Londrinense, em Londrina, Pr.



Planejamento Semanal Ensino Fund. II
Disciplina: Geografia - Série: 9º ano.

Período – 01 a 05/03/10

Conteúdo	Metodologia	Recursos
<p>Aula 4: Características dos países subdesenvolvidos (continuação);</p> <p>Aula 5: O espaço natural africano.</p>	<p>Continuando as reflexões sobre as características dos países subdesenvolvidos, na última aula do primeiro capítulo de nosso Caderno Anglo, dando um “gancho” para o próximo capítulo, onde contemplar-se-á o Continente Africano, iniciando pela sua localização espacial, relevo e hidrografia.</p> <p>Para prática dos assuntos abordados, serão executados os exercícios e as tarefas sugeridas pelo Caderno Anglo.</p>	<p>Caderno Anglo; Data show; Jornal de Londrina; Quadro negro.</p>

Prof. Alessandro Rotunno

ANEXO D – Ementa da Disciplina Empreendedorismo para a Geografia.



Universidade
Estadual de Londrina

PRÓ- REITORIA DE GRADUAÇÃO

DISCIPLINA ESPECIAL

CENTRO | CCE | DEPARTAMENTO | Geociências

CÓDIGO | (Uso da PROGRAD) | NOME DA DISCIPLINA | Empreendedorismo voltado à Geografia

*CARGA HORÁRIA			Horário da Oferta	PERÍODO DE OFERTA: 2011				Nº MIN. DE VAGAS	20
Teor	Prát.	Total		1º Sem	X	2ºSem	Anual	Nº MAX. DE VAGAS	30
30		30	3ª 19.15 às 21.00h	____/____ a ____/____				Nº DE TURMAS	01

*múltiplo de 15

CURSO(S) ALVO(S) No Máximo 5 – (Res.CEPE Nº 139/2005)	TURNO/CURSO**	SÉRIE(S)*
1. Geografia – Licenciatura e Bacharelado		3º e 4º.
2.		
3.		
4.		
5.		

* Quando não informada a série, será ofertada para todas as séries

** Oferta para mais de um curso – reserva de vagas apenas para 1 (um)

JUSTIFICATIVA:

Objetiva-se com este curso dar ao acadêmico de Geografia uma visão holística do mercado em que vai atuar, seja em nível de licenciatura e/ou bacharelado, colocando-o a par da realidade vivida por profissionais das áreas, forçando-o a desenvolver, ainda na academia, ferramentas para encarar o mundo pós faculdade.

EMENTA:

Considerações epistemológicas sobre o Empreendedorismo; O perfil do empreendedor brasileiro: análise do Relatório GEM; Empreender por oportunidade ou necessidade; O que é análise ambiental?; O que é “ser” Professor; Marketing pessoal.

OBJETIVOS:

O acadêmico, ao completar o ciclo de aulas, estará mais apto a enfrentar o mercado de trabalho, seja na condição de Professor ou de pesquisador ambiental, em relação aos demais que não tiveram a oportunidade de entrar em contato com a disciplina.

PROFESSOR RESPONSÁVEL: Alessandro Rotunno
CHAPA: 0122143

PROGRAMA:

- 1 – Apresentação da disciplina e dos acadêmicos. O que é ser empreendedor?;
- 2 – A origem do conceito Empreendedorismo e suas diversas interpretações nos dias atuais;
- 3 – O perfil do empreendedor brasileiro: análise do Relatório GEM;
- 4 – O Brasil em relação aos demais países emergentes: análise do Relatório GEM;
- 5 – Empreender por necessidade ou oportunidade; exemplos de empreendedores de sucesso no Brasil e exterior;
- 6 – Planejamento escolar e sua importância na vida acadêmica do Professor empreendedor;
- 7 – Empreender em escola pública e privada: semelhanças e diferenças - estratégias;
- 8 – Encontro destinado à participação externa: diretor de escola pública;
- 9 – Encontro destinado à participação externa: diretor de escola privada;
- 10 – Encontro reservado à participação externa: Professor de universidades privadas;
- 11 – O que é análise ambiental: abordagem teórica da profissão;
- 12 – Encontro reservado à participação externa: consultor ambiental;
- 13 – Marketing pessoal: uma ferramenta que ajuda a abrir portas;
- 14 – Apresentação das pesquisas – réplica e tréplica (primeira parte);
- 15 – Apresentação das pesquisas – réplica e tréplica (parte final).

FORMAS E CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO:

A avaliação será feita em duas etapas e individualmente:

Primeira: Fazer uma pesquisa de campo baseada nos relatos dos convidados e nas literaturas sugeridas, e entregar relatório ao Professor, relacionada à área em que o acadêmico pretenda atuar depois de formado, seja licenciatura ou bacharelado; (peso 7,0)

Segunda: Apresentação oral dos resultados obtidos em sua pesquisa, com direito a réplica e tréplica entre Professor e colegas. (peso 3,0)

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

DOLABELA, F. *O Segredo de Luísa*. São Paulo: Editora de Cultura, 2006;
 _____ *Oficina do empreendedor*. São Paulo: Cultura Editores Associados, 1999;
 DORNELAS, J. C. A. *Empreendedorismo*. Transformando ideias em negócios. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 2001;
 LIBÂNEO, J. C. *Didática*. São Paulo: Cortez, 1994;
 MARGUERITE, A.; LÉOPOLD, P.; PHILLIPE P et AL. *A profissionalização dos formadores de Professores*. Tradução: Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2003;

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

Empreendedorismo no Brasil: 2008 / Silmara Maria de Souza Silveira Greco et al. Curitiba: IBPQ, 2009;

DEPARTAMENTO:

____/____/____
 Data

 Assinatura

DECISÃO DO COLEGIADO DO CURSO DE:

OFERTA

NÃO OFERTA

____/____/____
 Data

 Assinatura